



**Universidade de Brasília – UNB**  
**Faculdade de Comunicação – FAC**  
**Departamento de Audiovisuais e Publicidade – DAP**  
**Lucas de Britto 12/0152851**

**“Stella Mater”**  
**Projeto Experimental em Audiovisual**

---

Professora Dácia Ibiapina

Orientadora

LUCAS DE BRITTO

## **Stella Mater**

Memória do projeto experimental apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Audiovisual, sob orientação da professora Dácia Ibiapina Silva.

BANCA EXAMINADORA

---

DÁCIA IBIAPINA SILVA

Professora orientadora

---

ÉRIKA BAUER

Professora examinadora

---

LIZIANE GUAZINA

Professora examinadora

---

DENISE MORAES

Professora Suplente

Brasília – DF

24 de novembro de 2016

### **RESUMO**

Stella Mater é um roteiro de longa-metragem que acompanha a jornada de reconhecimento de Atila, 23. Já atordoado por sonhos e visões, o jovem é surpreendido por uma série de acontecimentos que o levam de volta à sua cidade natal, Alto Paraíso. Lá, ele vai presenciar a abdução do seu pai e irmã, uma cena que vai transformar a sua percepção de realidade para sempre. Com o auxílio do amigo Salomão e da curandeira Antônia, ele terá a oportunidade de preencher as lacunas e compreender toda a face oculta das suas memórias.

**Palavras-chave: roteiro, ficção, longa-metragem, ufologia, viagem.**

## SUMÁRIO

<b>MEMORIAL.....</b>	<b>1</b>
• Apresentação.....	1
• Sobre o tema.....	1
• Objetivos.....	2
• Justificativa.....	3
• Metodologia.....	4
• Referencial Teórico.....	6
<b>PRODUTO: “STELLA MATER”.....</b>	<b>7</b>
• O longa-metragem “Stella Mater”.....	7
• Sinopse.....	7
• Perfil dos Personagens.....	7

• Argumento.....	8
• Roteiro.....	23
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>
• Bibliografia.....	68
• Referencial Audiovisual.....	68

## **MEMORIAL**

- **Apresentação**

O projeto a seguir é fruto da elaboração de um roteiro de longa-metragem baseado na junção de duas propostas para curta-metragem: “O Lastro”, finalizado no primeiro semestre de 2016, como trabalho de Pré-Projeto em Audiovisual e “Bruma”, projeto autoral inacabado, de 2015. O roteiro conta com a orientação da professora Dácia Ibiapina. “Stella Mater” acompanha Atila, personagem ficcional, num momento de profunda transformação da sua consciência e consequente abertura para uma nova maneira de enxergar a realidade. O roteiro tem como finalidade a conclusão do curso de graduação em Comunicação Social –

Audiovisual, constituindo material sólido para portfolio criativo na área de Cinema.

- **Sobre o tema**

Entendo que quando entramos no domínio do passado, seja pelo mecanismo da memória, da visão ou principalmente do sonho, encontramos imagens que refletem, não a realidade circunstancial daquele momento, mas sim o resultado da compreensão essencial daquele ponto no tempo influenciado pela maneira como enxergamos o mundo agora. Essas imagens são mensagens atemporais do nosso inconsciente que plasmam em si a figura de nossas emoções mais profundas, da cor ao som ou até mesmo ao cheiro. Na maneira de percebê-las há a nossa mais pura verdade construída subjetivamente.

O desenvolvimento da narrativa de “Stella Mater” vêm de uma sensação profundamente pessoal, emocional; da vontade de transmitir numa história uma compreensão de mundo, uma jornada arquetípica, que explorasse o papel das situações emotivas na reconexão com outros níveis de realidade, que não a mecanicidade do dia-a-dia. Surge da tentativa de uma transmissão direta provinda de uma busca pessoal pela revisão de conceitos e expansão da consciência.

A ideia que motiva essa busca em Atila, o personagem principal da trama, é uma profunda inquietação com a situação de sua vida. Sua avó falece subitamente, reaproximando-o de seu pai, mesmo que forçadamente. O pai, Jessé, não por acaso representando tudo aquilo que Atila abomina, resgata nele a vontade de compreender melhor seu passado, questionando-o no seu presente aparentemente confortável. Esse lugar comum não pode oferecer-lhe mais alento quando as lacunas do passado começam a transbordar, através de medos e incompreensões revisitadas em visões e sonhos, que acabam por afetar sua realidade. É através dessas experiências incomuns que a “para normalidade”, representada pela constante busca ufológica do pai, infiltra a narrativa, apresentando-se como questão primordial para compreensão da situação vivida pelo personagem.

Existem ferramentas-chaves trazidas da minha experiência pessoal para essa narrativa. A experiência com o Xamanismo é, dentre elas, a de maior esclarecimento pessoal, e acabei aos poucos moldando um desfecho para a narrativa baseado na descoberta deste universo pelo

personagem.

Atila, seguindo a direção apontada pelo conflito presente em suas relações, acaba atraindo circunstâncias que refletem diretamente seu estado interno, entrando num processo de profundo aprendizado. Tudo o que acontece ali é como um ritual, com propósito e um fim que não é necessariamente um desfecho. Os personagens vão aparecendo ou sendo afastados da trama, mesmo que inconscientemente, na medida que o personagem principal alcança a compreensão necessária, uma metáfora à aparente aleatoriedade da vida.

O desafio proposto num tema como esse é tornar o universo aparentemente complexo do símbolo claro e palpável para o público, através da identificação com o processo de amadurecimento e liberação pessoal do personagem através dos processos de revelação, compreensão e autoconhecimento explorados na narrativa.

- **Objetivos**

Produzir um roteiro de longa-metragem, direcionado ao público geral acima dos catorze anos de idade, buscando com que a narrativa possa ser teoricamente compreendida em diversos níveis de acordo com o público que a consome.

Retratar temas pouco explorados no cinema, como a cultura da ayahuasca e xamanismo, com respeito e criatividade. No caso da ufologia, tentar fugir dos clichês pré-estabelecidos através de um outro olhar na relação humana-extraterrestre. Observar fenômenos intuitivos com propósito de guiar a trama.

O projeto busca efetivar, através da pesquisa e experimentação escrita, o estabelecimento de uma narrativa sólida e de caráter inquisitivo, que lide com o tema da transcendência de maneira a despertar o interesse, a identificação emocional e o questionamento do público sobre questões universais como a memória, o medo, a transcendência, a solidão e a morte. Esses objetivos só podem ser alcançados através de um planejamento bem desenvolvido, que vise a organização dos temas e uma estrutura narrativa estimulante. Objetiva-se entender, através do processo de pesquisa interior os conceitos a nível pessoal, e buscar, através da pesquisa o embasamento teórico para expansão desses conceitos.

- **Justificativa**

É importante para mim conseguir realizar, como projeto final do curso de audiovisual, um roteiro artístico, que possa afirmar um caráter autoral de uma busca que reflita minha experiência pessoal e a mudança de paradigmas nos meus anos de faculdade; isso deve estar impresso tanto na técnica de escrita quanto no conteúdo do roteiro. Creio que a busca artística por abertura, numa exposição honesta, é uma forma de conectar pessoas, pois creio na empatia e no valor do compartilhamento de experiências.

A ideia de “Stella Mater” surgiu do interesse de imprimir uma experiência intuitiva como maneira de compreender e recriar a realidade. Num mundo em que se perde cada vez mais o ímpeto de compreender o profundo e observar a natureza, estagnamo-nos nas aparências e buscas contínuas por estímulo, sem perceber que nossas ações estão condicionadas por lastros, ou seja, pesos do passado, traumas não resolvidos, emoções interiorizadas, processos parados e lapidados no fundo do nosso inconsciente. A história de Atila vem como uma necessidade de resgatar esse interesse, isso porque o personagem desperta dentro de si o ímpeto de conhecer-se, e com isso atrai para si uma jornada interior.

Nesse processo a narrativa vem como uma forma de reanimar o mito e o sagrado como maneira válida de compreender o mundo, e isso é feito através da memória do personagem, que, pressionado pela situação emocional relacionada à desconstrução completa da sua noção de realidade, através da ancestralidade, mergulha na subjetividade dos fatos para entender a sua emancipação e enxergar os seus verdadeiros desafios e virtudes.

- **Metodologia**

A ideia original por trás do roteiro se transformou drasticamente durante o processo de escrita. Inicialmente meu intuito seria “realizar o roteiro por meio da investigação bibliográfica e experimental, tendo como eixo da pesquisa conteúdo atrelado a áreas da Psicologia como arquétipo, símbolo, monomito e feminino sagrado.

Como citado anteriormente, essa história se deu pela junção de duas narrativas anteriores, “Bruma” e “O Lastro”. Em “Bruma”, o personagem principal era um jovem pintor



que ia à Alto Paraíso para realizar um trabalho criativo e acabava conhecendo uma vida paralela da mãe, e o eixo principal da história se dava após ele ter o carro roubado pela irmã. Em “O Lastro”, a personagem principal, Anjo, abria um vívido canal de memórias após seu pai ter sido abduzido. Anjo também não possuía mãe, e, assim como Atila vivia numa casa com duas outras mulheres.

Minha proposta inicial partindo do meu pré-projeto era adaptar o roteiro original “O Lastro”, curta-metragem, de 14 páginas para formato longa metragem em três fases: revisão do conteúdo original, expansão e desenvolvimento da trama, finalização/detalhamento.

No entanto, o processo de adaptação do roteiro acabou apresentando-se como um desafio. A história que antes parecia estar completa na minha cabeça se mostrou cheia de lacunas, e o meu momento pessoal de grandes mudanças fez com que eu me voltasse para o meu interior, abandonando o trabalho por algum tempo. Nesse meio termo, percebi que não conseguiria desenvolver a narrativa se continuasse investindo numa personagem principal mulher, e experimentei deixar um pouco de lado minhas pretensões de escrever sobre esse meu eu feminino sagrado, que era representado pela figura de Anjo, em “O Lastro”.

A partir desse momento, o roteiro começou a fluir, mas algumas lacunas ainda não haviam sido preenchidas. Comecei então a buscar nos meus antigos projetos, curtas e roteiros, contos e poemas, referências que pudessem me dar algum insight. Foi nessa busca que eu percebi que existia um padrão, uma história que “queria” ser contada, mas que não decolava, ou era contada em partes, levando a outros caminhos menos claros.

Creio que alcancei como nunca antes uma forma de contar essa história através desse roteiro e isso se deu quando eu descobri que o personagem principal de “Stella Mater” era o mesmo de “Bruma”, então descobri que o que faltava em “Stella Mater” era a figura da irmã, e essa irmã desconhecida tomou forma na personagem de Bia.

Ainda assim, o universo de Atila ainda se encontrava vago, e muitas vezes deveras abstrato. Compreendo que esse é um desafio que encontro nas minhas histórias por razão de, como via de regra, começar a escrever a partir de um conceito subjetivo, uma imagem, uma emoção, e as ações se desenvolverem daí. Precisava encontrar um enraizamento, uma

sequência real de acontecimentos.

Como resultado disso, afastei-me um pouco dos referenciais teóricos e busquei dentro de mim situações que revelassem esse caráter abstrato. Me perguntava: “que situações me levaram a compreender isso? ”, “conheci alguém, ou li algo que me levou a me sentir desta maneira? ”, “como seria o dia-a-dia de uma pessoa que vive esse tipo de situação? Será que eu conheço algum amigo ou conhecido que passou por algo assim? ”, e dessa forma fui montando os personagens, dando vida e cor para eles, humor e forma, e simplesmente trouxe elementos físicos da minha experiência pessoal que acabaram sendo traduzidos em situações, e assim consegui montar um arco temporal para essa história.

Trazer a experiência com a ayahuasca para dentro desse roteiro, por exemplo, foi um processo delicado justamente por ser extremamente pessoal, mas percebi que a maneira mais óbvia de representar imagens e processos que me foram inspirados por essa experiência era simplesmente incluí-la como acontecimento na vida do personagem.

Alguns personagens tomaram vida própria durante a produção. Salomão é o melhor exemplo disso, ele começou como um personagem secundário na narrativa e, percebendo que faltava dinâmica em várias situações vividas por Atila, fui o incluindo, e por fim eles acabaram virando um time, Salomão e Atila se equilibram principalmente porque Salomão tem uma atitude muito mais positiva sobre todas as situações. Finalmente, algumas ações perpetradas por Atila acabaram cabendo melhor no personagem de Salomão, e por fim acaba existindo na relação deles uma sutil tensão que acaba variando o espectro de cores e possibilidades de interpretação dos sentimentos que eles possuem um pelo outro.

A própria temática da ufologia, que acabou sendo essencial para dar liga à narrativa foi fruto de uma rendição minha, ao finalmente aceitar que na verdade eu queria que o roteiro tivesse um leve tom de ficção científica, e que era perfeitamente aceitável e prático à história agregar esse meu interesse.

Finalmente o resultado da narrativa foi bem diferente da minha expectativa inicial. Tudo, do tamanho à formatação, dos nomes dos personagens aos assuntos tratados, se transformou e agora apresento o resultado dessa jornada pessoal em busca de uma história.

- **Referencial Teórico**

No processo de revisão do roteiro e através da coleta de opiniões técnicas sobre o meu trabalho, vou me dando conta de pequenas subjetividades antes não percebidas. Cada vez mais observo ser possível afirmar que a temática desenvolvida na narrativa de *Stella Mater* se dá sob a abrangência de temas muito maiores, que se destacam da obra.

Primeiramente, e talvez, mais relevantemente, existe um tom de busca ao paraíso perdido, explorado desde a temática da separação da mãe, ou antes mesmo, do útero. No roteiro, o retorno das memórias afetivas da infância, é ao mesmo tempo a base e a meta, de certa maneira, que gera novas buscas através do processo da própria incompreensão, ou mesmo da indignação do personagem principal.

É interessante, também, que, após ler repetidamente e incontáveis vezes a história, vou me dando conta de como alguns personagens seguem uma narrativa arquetípica, muitas vezes tão óbvia e que passa despercebida. Por exemplo, posso dizer que demorei seis meses para compreender que, de alguma forma, a personagem Antônia carrega um bocado do arquétipo da bruxa, uma verdadeira *Baba Yaga*, e agora vejo quantos elementos essa personagem compartilha com diversas fábulas. Muito particular encontrar em meus personagens esses arquétipos ou até mesmo elementos de personagens de outras narrativas.

## **PRODUTO: “STELLA MATER**

- **O longa-metragem “Stella Mater”**

### **5.1 Sinopse**

Após a morte da avó, Atila, um jovem pintor atordoado por visões e sonhos estranhos e recorrentes, é impulsionado a buscar compreensões que preencham as lacunas de sua memória falha. Nessa jornada, toda a sua percepção de mundo será inevitavelmente transformada.

## **5.2 Perfil dos Personagens**

Atila – Neurótico, carente e sonhador. Teimoso e ressentido, mas aos poucos se abre graças a sua curiosidade e vontade de compreender.

Bia – Enérgica, carinhosa, destemida e decidida, se lança ao desconhecido graças a sua intuição.

Salomão – É muito gentil e prestativo, e tende a ver as coisas de uma maneira simples e alegre, carrega uma grande bondade em seu coração.

Antônia – Misteriosa, sincera, atenta e bem humorada, a senhora já é acostumada à seu estilo de vida pouco comum. É uma curandeira.

Jessé Kidão – Aficionado por assuntos para normais, insistente, exagerado, sofrido e perspicaz, ele age de maneira incompreensível ao filho, quando na verdade suas intenções são sempre as melhores possíveis.

- **Argumento**

### **Argumento – Stella Mater**

Os primeiros raios de sol entraram no quarto através das cortinas brancas; Atila, 23, lembra mais um dia abraçado em Bia, melhor amiga e companheira de quarto nos últimos três anos. Ele limpa a baba do rosto e se senta na cama, pega uma camiseta do chão e coloca sobre sua samba-canção de bolinhas azuis.

No caminho para a cozinha do apartamento, Atila encontra Elena deitada no sofá, de óculos escuros e fumando um cigarro, claramente de ressaca. Elena o avisa que um tal de Jessé ligou. Atila se questiona porque o pai dele o ligaria em pleno sábado de manhã, e se recusa a ligar de volta, mesmo quando Elena disse que ele parecia preocupado. Afinal, ele sempre anda preocupado por muito pouco, com besteiras demais para a paciência de Atila.

Atila segue para a cozinha, liga um reggae, frita um ovo, até que uma súbita visão lhe ocorre. O rádio começa a falhar, o tempo escurece, uma flor na cozinha murcha; ele pensa, alguém morreu. Ele sai da cozinha chorando, Elena nem percebe porque caiu no sono, ele entra no quarto e desesperadamente começa a colocar uma roupa, Bia ainda acordando presume que ele está tendo algum problema com a Marcela novamente, ou com a Dani, quem sabe com qual ele anda por esses dias. Ele explica que alguém morreu, que ele sabe, e o pior seria se tivesse sido a vó dele; Bia não o leva a sério, ainda comenta que ele deve estar ficando que nem o pai dele, cheio das neuroses, que ele tem que viver a vida, parar com essas coisas... ele sai da casa sem levar em consideração o que Bia falou.

Atila pega um ônibus para Sobradinho, roendo as unhas, visivelmente perturbado, irritando-se com tudo e todos a sua volta. Ele sai do ônibus correndo e para em frente ao portão amarelo escancarado da casa de sua avó. Uma movimentação de carros, ambulância, corpo de bombeiros na frente da casa em chamas. Entre a multidão ele vê um pano branco sendo estendido sobre o corpo da sua avó e este sendo estendido no ar; Atila desmaia ali mesmo.

Acordando de um profundo desânimo, Atila abre os olhos e enxerga seu pai, Jessé, sorrindo sob as lágrimas. Além do abalo pelo qual passou, ele ainda tem que aturar um reencontro com o pai. Eles estão no quarto de pintura no apartamento do jovem, o pai aponta uma arte com dois círculos vermelhos no centro e comenta que não sabia que o filho andava levando a sério os assuntos ufológicos. Furioso, Atila se levanta e pede para o pai sair,

desacreditando que, mesmo após a morte trágica da avó, ele ainda conseguia pensar só nos mesmos assuntos. O pai pede desculpas e reconhece a natureza trágica do acidente. Atila afirma que a avó era a coisa mais importante da vida dele, e Jessé o questiona: se ela era tão importante assim porque ele a deixou, assim como ele havia feito com o pai? Atila se levanta empurrando o pai para fora do apartamento de forma bastante agressiva. Jessé tenta explicar, levando uma portada na cara, que agora ele precisa mais do que nunca levar o filho de volta a Alto Paraíso.

Atila senta-se no chão da sala, tenta deitar, mas, irritado, começa a vasculhar pelas gavetas e prateleiras a procura de algo. Ele ouve um som de água pingando e olha para trás, mas não vê nada. Ele continua vasculhando e encontra uma foto com uma parte rasgada. Na foto, ele ainda criança segura um boneco verde de ET enquanto o pai, ajoelhado ao seu lado sorri. A mão que não segura o boneco alcança uma outra mão, rasgada ao meio. Atila, vermelho de raiva, rasga a foto inteira e atira os pedaços ao chão. Ele ouve o mesmo barulho de água pingando e escorrendo, dessa vez vindo do quarto, ele segue o barulho e novamente não encontra nada. Assustado, ele pega um casaco e sai rapidamente do apartamento, desce as escadas e na saída encontra Bia, que diz estar a sua procura.

Eles saem para um bar na asa norte e começam a beber, Atila não comenta nada sobre a vó ou o pai, ou sobre os barulhos estranhos na sala. Eles fumam um baseado, Bia começa a desconfiar que algo estranho aconteceu com Atila, ele responde dizendo que ele só teve um dia estressante, eles bebem mais e mais, saem do bar andando pelas ruas mal iluminadas, cambaleando, dançando. Bia se insinua uma ou duas vezes ao jovem, um carinho aqui e ali e quase chegando ao apartamento deles Bia tem uma crise de tosse, ela se abaixa em direção ao chão e por um instante Atila vê, num ponto de ônibus do outro lado da rua uma senhora negra bem idosa com um guarda-chuva ao seu lado, totalmente molhada apesar da seca de Brasília. Bia volta para cima tomando folego e rindo, Atila olha de novo em direção à parada, mas ninguém está lá.

Os dois entram em casa conversando e rindo, Elena já se encontra desmaiada no sofá com seus óculos escuros de gatinha, os dois riem mais baixo fechando as janelas e arrumando as garrafas de cerveja jogadas no chão. Bia puxa Atila para o quarto, fecha a porta e, apagando as luzes, dá um beijo no pescoço do rapaz, que, apesar de surpreso, responde

positivamente.

Atila e Bia caem na cama, rindo, eles começam a tirar a roupa, se beijam ardentemente. Atila começa a tirar a parte de baixo quando repentinamente escuta um baque estridente e um barulho de água escorrendo abundantemente, ele desmaia por um momento e têm uma visão; ele se vê criança, na mesma cena da foto em que ele segura o boneco verde de um lado e do outro segura a mão de uma mulher, ele vê o rosto da mulher claramente e ao percebê-la, sai correndo, com medo. Tudo fica escuro, ele continua correndo na escuridão e enxerga ao longe uma luz, essa luz vai se aproximando e também o barulho de água. Num canto escuro uma mão segurando uma carta de tarô é iluminada, a morte.

Atila acorda repentinamente sozinho e nu na cama branca. Olhando para os lados percebe que Bia não está lá. Ele se levanta correndo colocando uma cueca e vai para a sala, encontra Elena fumando um cigarro em posição meditativa. Ele pergunta a Elena onde está a Bia, e Elena o avisa que ela parecia meio deprê quando acordou, que recebeu uma ligação do Jessé e tal, que não sabia que a avó dele tinha morrido, e que sentia muito... Atila queria saber onde está a Bia, mas Elena sabia pouco: que ela saiu de mochilão e tudo para a chapada, achando que tinha algo de errado, sem saber mais o que queria da vida.

Atila sai de casa com uma mochila pequena, decidido a largar tudo e pegar uma carona para Alto Paraíso. Ele não entende bem o que aconteceu entre ele e Bia, porque o pai dele quer tanto que ele vá para a chapada, porque tantos medos ou o que são essas visões.

Ele vai à parada de ônibus na frente de casa, meio sem saber como sair de Brasília. Abre a carteira e vê que tem apenas uns trocados, pega um ônibus na direção de Planaltina e para na beira da estrada segurando um papel escrito Alto Paraíso. Por horas ninguém lhe oferece carona. Desesperançado, Atila deita na grama ali do lado da estrada usando a mochila como travesseiro, ele tira um cochilo. Pouco tempo passa e um cara mais ou menos da idade de Atila para do seu lado para urinar. Atila acorda assustado e o cara ri, continuando a urinar. Atila se levanta e olha para o carro: vê 2 pessoas dentro, além do motorista. Ele pergunta para o sujeito para onde eles vão, Alto Paraíso; e o sujeito se apresenta, Pedro. Atila pergunta se pode ir com eles e diz que só tem cinco reais, o outro rapaz no banco de trás fala para ele entrar logo e não se preocupar. Ele se senta no banco de trás do lado do rapaz, que se

apresenta, Salomão. A jovem da frente também o cumprimenta, Alicia.

Os jovens seguem pela estrada. Entre conversas Atila descobre que seus companheiros estão indo para um festival de música eletrônica na chapada, eles descobrem que Atila procura uma amiga que está provavelmente na casa de seu pai, que mora em Alto Paraiso, numa propriedade com cachoeira. Pedro já se convida para nadar por lá, pergunta se seu pai tem problema com nudismo, ele diz que acha que não, porque o pai teria problema com nudismo quando não tem problema nenhum com coisas bem mais estranhas. ETs, fadas, gnomos, essas coisas. Salomão oferece um baseado para a galera, diz que ia combinar com o assunto. Eles papeiam e fumam, falam de música, de mochilão, da cultura alternativa, falam de ácido, cogumelo... Salomão passa o beck pro Atila que fuma e volta a falar do pai, que ele não entende a fascinação do pai com essas paradas, que o cara já gravou até programa de ufologia, quando ele era criança, mas que ele não lembrava de nada antes dos 7,8 anos, que a mãe dele morreu... Atila olha para o lado e repentinamente vê, um pouco dentro da plantação de soja ao lado da estrada, a mesma senhora que ele viu quando estava com a Bia na noite anterior. O carro passa rapidamente e ele vira para trás para ver a senhora, que aponta para cima, sons de trovão tomam conta do ambiente, ele se vira novamente para frente e irrompe numa crise de tosse e repentina falta de ar, Salomão, ao seu lado, fica desesperado tentando ajudá-lo com água e dando dicas de respiração. Uma chuva forte começa a cair. Pedro para o carro e Atila sai tentando respirar com força, ele tosse tanto até vomitar, depois de um tempo ele consegue se recompor e voltando para o carro cai num sono repentino.

Num sonho, Atila escuta um barulho de água correndo. Uma luz de fim de tarde paira sobre a superfície de um lago e ele escuta uma voz de mulher solfejando mansamente. Ele olha para cima, é o mesmo rosto da mulher da foto rasgada. Ele ainda é um bebê. Ela passa a mão sobre o rosto dele e o segura bem perto do peito, dá um sorriso e o chama carinhosamente, dando um beijo na sua testa.

Pedro acorda Atila balançando-o veementemente, comentando que o cara devia estar em outro universo. Atila acorda meio zozado e olha para fora, percebendo que eles já estavam em Alto Paraiso e que a chuva não dava trégua. Atila os leva em direção da casa do pai. Eles passam por uma estrada de terra, descem um morro, e encontram a pequena casa no meio das



árvores. De dentro da casa saem Jessé e Bia, tomando um chocolate quente.

O grupo é bem recebido na casa de Jessé que lhes oferece ficar para o jantar. Bia e Atila trocam olhares estranhos, meio cortados. Atila quer saber o que aconteceu; porque ela foi pra lá depois do que aconteceu naquela noite, que ele se sentia perdido, tendo visões, sonhos estranhos. Bia, incomodada, respondia que as mesmas dúvidas estavam passando na cabeça dela e que também estava tendo visões e sono repentino. Jessé perguntou o que os companheiros de viagem de Atila estavam fazendo em Alto Paraiso, eles falaram do festival, mas contaram que só começava em alguns dias. Jessé, animado, e sem perceber que o grupo acabara de conhecer Atila, os convidou para dormir lá, falando que eles poderiam ter a sorte de presenciar algum avistamento de naves na madrugada, se a chuva passasse. Alicia e Salomão permaneceram calados, mas Pedro foi logo ao carro buscar as bagagens. Eles agradeceram.

Mais tarde, Jessé tirou um colchão de casal e colocou na sala. Atila olhou para Bia sem saber se hoje, depois do ocorrido, eles dormiriam juntos de novo, mas Bia já estava num quarto com um beliche e uma cama de solteiro ao lado do quarto de Jessé, e por via de dúvidas Atila já se acomodou na sala. Alicia e Pedro dormiram no beliche e Salomão perguntou se Atila se importava de dividir a cama, ele não se importava, gostava de companhia para dormir. Todos dormiram.

No meio da noite, Atila acorda com algum barulho estranho, já acostumado com a ocorrência desse tipo de perturbação ele decide se levantar para beber uma água na cozinha, sem maiores preocupações. Entrando na cozinha, Atila se depara com uma caixa de alumínio aberta em cima da mesa, cheia de fotos. Ele enche o copo de água e se senta à mesa, olhando as fotos, uma por uma. No meio destas ele encontra uma que o deixa muito surpreso: Na foto Jessé e sua mãe estão abraçados e, puxando a roupa da sua mãe, uma menina por volta dos seus três anos, curioso, ele vira a foto – “eu, Marília e Bia, 1992”. Ele observa novamente e reconhece o formato dos olhos de Bia de imediato. Ele se levanta rapidamente em direção ao quarto em que Bia está dormindo, mas uma vibração muito forte toma conta de tudo, balançando a casa; Pedro e Alicia correm para a sala, Salomão fica de pé ao lado da porta. Vinda de fora, uma luz forte como um farol inunda tudo, tornando impossível a visão a

qualquer um deles.

Como se tudo por um momento ficasse silencioso e em câmera lenta, Atila, Pedro, Alicia e Salomão correm para o quintal. Pedro cai no chão sem conseguir ver direito, Atila olha para cima e vê luzes, como estrelas multicoloridas, subindo em direção à fonte dessa clara luz. Entre a fileira de estrelas, ele vê primeiro seu pai, depois Bia, ambos levitando em direção à fonte. Serenos, de olhos fechados, sorridentes. Outro tremor é sentido e de uma vez essa luz clara e suas estrelas multicoloridas se condensam em um feixe iluminado que desaparece na imensidão do céu.

Todos ficam parados por um bom tempo. O céu está estrelado. Pedro pega Alicia pelo braço e, apesar de claramente machucado, entra no carro com ela. Jessé e Salomão, ainda impressionados com o ocorrido demoram para perceber que Pedro ia embora, com ou sem eles. Pedro liga o carro e sai em disparada, gritando que eles estavam todos loucos; Atila e Salomão tentam alcançá-los, mas já é tarde. Os dois ficam parados no começo da estrada de terra.

Atila entra em casa e se senta no chão sem saber o que fazer, Salomão se senta ao seu lado igualmente perdido. Atila decide acender a pequena lareira da sala. Ele olha contemplativo para o fogo, respira... O silêncio impera na sala; ele pega um livro, tenta ler um pouco, mas não consegue, e joga-o no chão. Atila começa a se mover, agoniado, e se levanta, andando em círculos pela sala, até que tropeça num descanso de porta. Ele senta no chão com raiva e, finalmente, começa a chorar. Salomão se aproxima sem jeito e vai até a cozinha, pega um vinho na dispensa e oferece para Atila. Eles começam a beber, e, pouco a pouco vão relaxando. Atila pega o violão do pai, toca algumas notas, meio desengonçado. Salomão senta-se ao seu lado e pede o violão; começa a tocar uma melodia bonita e complexa. Atila o olha sorrindo, impressionado, e vai pegar outro vinho na dispensa. Eles bebem mais, Salomão toca umas músicas dos anos 60, eles cantam, riem. Atila, já bastante bêbado, volta a chorar, alternando entre risadas, dizendo que não entende realmente mais nada na vida dele, que até essa noite ele não acreditava em nada que o pai propagava, há dois dias ele não lembrava nem do rosto da mãe, nem sequer que ela existira, ele passou todos esses anos achando que a Bia era apenas sua melhor amiga de infância...

Salomão deixa o violão de lado e dá um abraço apertado em Atila, que chora e aperta Salomão um pouco mais forte. Salomão olha para os olhos de Atila sorrindo, e seca suas lágrimas com a mão, fazendo uma piada leve sobre o seu próprio nome. Os dois deitam no colchão e apagam com o sol nascendo, bêbados.

Atila acorda ao lado de Salomão, claramente de ressaca, ele se levanta lentamente e percebe que as portas e as janelas estão abertas. Ele entra na cozinha e verifica que a porta da geladeira está escancarada, ele olha para dentro da geladeira, nada. Ele olha para a pia da cozinha, totalmente coberta de pratos empilhados da janta anterior, ele vai à dispensa: garrafas vazias, algumas latas de óleo, comida de cachorro, uma lata de atum. Abre uma gaveta da cozinha e acha uma nota de 20 reais. Volta à sala e Salomão está sentado, mas ainda de olhos fechados, ele comenta algo sobre a ressaca e Atila ri, fala para ele se arrumar para irem na cidade comprar alguma coisa pra comer, Salomão comenta que talvez eles encontrem o Pedro e a Alicia por lá, um pouco mais calmos. Eles saem da casa, faz bastante sol, eles caminham pela estradinha de terra, sobem o morro e após um bom tempo chegam na estrada. Os dois colocam o dedo para conseguir uma carona. Rapidamente um carro para e eles entram.

O carro estaciona na pracinha principal da cidade de Alto Paraiso, eles agradecem e Atila fala que conhece um mercadinho mais para cima, eles sobem a rua e quando chegam na frente do estabelecimento vêem que o lugar está fechado. Salomão pergunta para um senhor hippie na rua se ele sabe de algum mercado aberto, ele fala que como é feriado é meio difícil, mas que talvez um mercadinho próximo da rodoviária esteja aberto. Eles seguem para a rodoviária e veem de longe que o local indicado está aberto, mas começando a fechar as portas. Os dois correm, Salomão entra primeiro; quando Atila está para entrar ele esbarra numa senhora saindo com uma quantidade imensa de compras. Imediatamente começa a catar as sacolas caídas no chão pedindo mil desculpas e quando olha para cima percebe a mesma senhora que ele havia vislumbrado antes na parada de ônibus, e na estrada durante a chuva. Ele congela, a olhando um pouco assustado, ela o observa profundamente com seus olhos negros e dá um pequeno sorriso; pede ajuda com o resto das compras. Ele ajuda a colocar as compras numa caminhonete parada à frente, Salomão sai do mercadinho dizendo que os caixas já estão fechados, pergunta o que eles vão fazer: Vão gastar todo o dinheiro comendo

na padaria? A senhora comenta sobre Atila ter ajudado a colocar as compras no carro e diz que se os rapazes forem com ela até a sua casa e ajudarem a descarregar as compras, eles podem comer uma janta deliciosa que ela vai preparar. Os dois se olham e sem muita resistência aceitam o convite.

A senhora passa o caminho assobiando e cantando frases aparentemente sem sentido. Em dado momento, já fora da cidade numa estradinha de terra, Salomão pergunta o que são essas músicas que ela tanto canta; ela responde que são Ícaros, cantos dos curandeiros da Amazônia e dos Andes. Eles entram numa mata fechada e logo vêem uma casa de adobe entre as árvores, razoavelmente grande, porém simples. A senhora para o carro e eles descem com o que conseguem carregar. Ela segue à frente e sinaliza para eles onde fica a cozinha. Os dois entram na casa e descarregam as compras. Salomão começa a olhar as paredes e percebe gravuras e mais gravuras, ele chama Atila. imagens de chefes indígenas norte-americanos, brasileiros, penas, cocares, tambores, maracás na parede. Numa outra parede, representações de Buda, Krishna, iogues, Cristo. Do outro lado figuras geométricas, desenhos de chakras e anjos. Atila comenta algo sobre como essa senhora parecia estar mais louca que o pai dele. A senhora grita do lado de fora perguntando se eles não vêm ajudar com o resto das compras. Os dois saem da casa e a senhora segue-os aproximando-se de Atila e comentando que se o pai dele é louco ela não sabe o que é ser são. Atila pergunta se ela conhece o pai dele. Ela fala que é lógico, ele pergunta se ela sabe o que aconteceu com ele, ela fala que sabe mais do que ele imagina, e que mais tarde eles conversariam.

A senhora prepara um ensopado e os dois, já famintos, ficam espiando para ver se a comida já está ficando pronta. Ela pergunta se eles sabem fazer fogueira e com a resposta afirmativa dos rapazes ela fala para eles montarem uma na cabana lá fora na mata, que era lá onde eles iriam comer. Os dois entram na cabana redonda de palha com chão de terra, como uma oca, e fazem uma fogueira no centro. Pegam umas cadeiras que estão no canto, perto de uma caixa de som, e colocam-nas em volta da fogueira. Atila percebe uma mesa numa das laterais cheia de imagens, velas, cartas, como um altar. Ele se aproxima e vê, ao lado de uma vela, uma carta virada para cima: A morte, exatamente como no seu sonho. Ele vira-se rapidamente como se não tivesse visto nada. A senhora acabara de entrar com a panela e uns pratos em cima. Ela comenta algo sobre medo da morte, Atila fica sem graça, ela diz que é só

uma brincadeira.

Eles comem bastante até ficarem satisfeitos, os rapazes ficam felizes falando que a comida estava deliciosa, Salomão pergunta o nome da senhora. Antônia. Ela pergunta, sempre sorridente, se eles não querem dormir por ali mesmo, que ela tem colchonetes, cobertores, tudo que eles precisarem e que a fogueira ficará quente por um bom tempo. Eles concordam e a senhora os chama para pegar umas coisas lá dentro. Eles entram num quarto com vários colchões, instrumentos, cobertores, travesseiros. No meio de uma mesa de canto cheia de plantas e samambaias, um pano branco cobria algo com formato piramidal. Atila chega perto para ver o que é, curioso. Antônia o observa de longe, ele se vira perguntando o que é aquilo. Ela diz que se ele quiser realmente saber o que aconteceu com os pais dele, poderá entender o que é isso amanhã. Ele se treme todo e vira para trás afim de pegar um colchonete, rindo da sua reação. A senhora e Salomão riem também; os rapazes seguem para a oca e dormem.

Eles acordam no outro dia bem cedo com a senhora já sentada em frente a eles, com um maracá na mão e um copo d'água. Ela oferece a água aos rapazes, que bebem. Antônia pergunta se eles estão preparados. Salomão olha com os olhos abertos para Atila fazendo um movimento afirmativo com o braço no ombro do amigo. Atila ri como quem não entende muito bem. A senhora pergunta se ele quer tomar o chá da rainha da floresta, da senhora ancestral. Ele ri, ainda como quem não entende. Salomão fala que ele pode confiar, afinal eles não devem estar ali naquela situação por acaso. Atila se treme todo de novo, e, rindo, faz um joinha com a mão.

A senhora pede para eles se agasalharem e coloca uma música na caixa de som. Ela os convida para levantar e tomar um gole do chá. Ela retira o pano da garrafa em formato piramidal e serve um copo para cada um.

Atila e Salomão deitam-se em seus respectivos colchonetes. Atila vai se acalmando suavemente com a música. Ele se sente sonolento, ele vai começando a ver as coisas embaçadas, uma luz aparece ali, outra acolá, e, com a visão embaçada, ele dorme sorrindo. Num sonho, ele se vê numa rede balançando no céu, contando estrelas com os dedos, apesar de ser dia. Ele se levanta, e começa a caminhar por esse céu de nuvens e estrelas coloridas,

quando sente uma pontada no peito. Seu corpo se retorce. No meio desse céu, há um lago cristalino, ele vê seu reflexo, um buraco negro toma conta do seu peito. Um som de vento invade o lugar, musicalidades distantes vão tomando harmonias sombrias, o negro do buraco começa a abranger tudo, o céu se torna negro, ele segura a garganta, tentando gritar, com medo. Ouve risadas e falas vindas de um lado e de outro, indistinguíveis, até que ele escuta uma, debochada e triste, tudo se apaga, e só se ouve: Como dói.

Ele acorda assustado, respirando ofegante e percebe que ainda está no mesmo lugar. No entanto as cores estão mais vivas, mais claras, as formas estão mais fluidas, e em geral há mais luz. Ele procura a senhora com os olhos e a encontra sentada na beira da fogueira numa cadeira de balanço, pitando um cachimbo e sorrindo. Ele percebe que dela emana muita luz, e imediatamente quando percebe essa luz ele sente um forte enjoo, começa a gaguejar e se levanta rapidamente caminhando para fora da oca. Sente o sol esquentando a sua pele e olha para cima, tropeça num arbusto de folhas longas e quando olha para a planta percebe que ela está se expandindo e contraindo. Ele pensa: como dói, mas de onde vem essa dor? Ele fecha os olhos e têm uma visão parecida com a que ele teve no carro, sua mãe o segura no colo, ele ri e ouve a voz dela, mesmo ela estando com os lábios fechados: Como é lindo, como é alegre... Ele abre os olhos já vomitando na planta à sua frente, ele sofre durante esse vômito, com dificuldade de manter seu corpo em pé. Mas logo após o vômito se levanta, endireitando as costas, se espreguiçando, expandindo os braços; feliz, ele abre um sorriso largo. Antônia se aproxima, com um sorriso ainda maior, e o entrega um papel para se limpar, ele agradece com os olhos e a senhora se retira.

Atila ouve a voz da mãe por trás, como um sussurro na orelha: Como é forte, ela diz... Ele se vira, nada. Olha para o sol, resplandecente, tudo fica claro. Fala para si mesmo: Como é forte. Tira o casaco e a camiseta e se deita no chão de terra batida ao lado da oca, olhando para o sol e sorrindo. Ele fecha os olhos e começa a se mexer no chão, inquieto, serpenteando, como numa dança, mas ao mesmo tempo em agonia. Uma música leve com flautas norte-americanas começa a tocar, ele se acalma e têm uma visão: Vê plantas e mais plantas, folhas cintilando sob o fundo escuro da noite, todas elas se movem, tomadas por uma brisa suave. Ele flutua sobre as plantas, que dançam em movimentos uniformes, como num fractal fluorescente. Mergulha no meio desse fractal entrando nas profundezas da terra e vai

cada vez mais fundo nesse universo marrom até que repentinamente se encontra numa caverna. Pura escuridão, até que uma forte luz alaranjada ilumina as paredes cheias de raízes, ele olha para trás, uma grande fogueira está acesa. Ao lado da fogueira se encontra uma barraca. Ele entra na tenda. Dentro ele encontra, organizados e dobrados, um cobertor vermelho, um casaco, um gorro, travesseiro e luvas. Ele coloca a cabeça sobre o travesseiro e logo começa a tremer de frio. Ele se cobre, coloca o casaco, o gorro, as luvas. Começa a tremer incontrolavelmente, escuta a voz da senhora cantando as melodias incompreensíveis, os ícaros. Treme mais ainda, se encolhendo inteiramente para se aquecer.

Uma mão anônima abre o zíper da barraca. Com medo, ele se encolhe no fundo. Um braço entra na barraca, entregando uma caixa no chão; retira-se fechando o zíper. Atila olha para os lados desconfiado e rapidamente pega a caixa de pedra. Dentro dela há um desenho de criança; o boneco de ET que ele aparece segurando na foto rasgada de infância. Embaixo do desenho, escrito em letras bem garranchadas: Solidão. Ele olha para os lados, engolindo seco e choramingando. Se deita novamente em posição fetal, puxando o cobertor para cima. Uma luz como a de uma lanterna vem de fora da barraca criando sombras de mãos e bichos, cabeças alienígenas, monstros... Ele escuta vozes, línguas estranhas, sons de animais. Silhuetas de mãos e braços passam pelas finas paredes da barraca, empurrando o tecido levemente para dentro. Atila fecha os olhos e começa a rezar pedindo por ajuda; Ele dá um longo suspiro. Escuta na escuridão uma voz dizendo que o medo o cegou. Um som de brisa tranquila e folhas é ouvido; Abre os olhos e percebe que está dentro da oca, sentado no chão, com um cobertor vermelho por cima das pernas; percebe a fogueira acesa no centro da oca. A senhora alegremente mexe a lenha. Ele se aproxima do fogo, sentindo o calor com as mãos, e vê o boneco de ET da foto queimando por entre as brasas. Fecha os olhos e tem a mesma visão. Ele pensa em seus medos, seus preconceitos. Já seco de tanto choro ele pensa que não entende mais nada, não entende a mensagem daquilo tudo, está sozinho demais, triste vivendo uma vida sem sentido. Ele fecha os olhos e encolhe a cabeça entre as pernas. A senhora se aproxima e acaricia os ombros dele, oferecendo a mão para levantá-lo. Ela o leva para perto da mesa de altar e pega ali essências, umas folhas e faz um benzimento no rapaz. Umaz rezas, uns assobios; faz uma defumação e finalmente passa uma água florida na cabeça e no pescoço do rapaz, dá um copo de água cheio para ele, fala para ele beber e confiar que a

luz vai chegar.

Ele se senta, claramente mais calmo, e se estica perto do fogo, sentindo o calor, aproveitando. Ele olha para um dos lados da oca e percebe Salomão, escorado na parede, olhando para cima boquiaberto e alegre, como quem não acredita no que está acontecendo. Eles se olham e sorriem de longe. Uma música festiva começa a tocar na caixa de som e Atila cria forças para levantar; corre para dar um abraço apertado em Salomão. Salomão, com muita delicadeza, responde passando a mão na cabeça dele. Atila fecha os olhos e começa a ver cores lindas, fortes, vibrantes, tons de azul, rosa, verde, amarelo. Ele abre os olhos e sorri para Salomão, que fala que ele não está sozinho.

A senhora balança o maracá e, imediatamente, Atila escuta uma voz, um canto de mulher, vindo de fora da oca. Ele sai e a luz do sol ilumina tudo, ele fica cego por um instante e logo percebe uma mão estendida a sua frente. Vestida num traje branco-prateado, ele vê a mãe, coberta por um brilho cintilante, com cores e mais cores à sua volta. Ele dá a mão a ela e imediatamente é transportado para outro lugar, se vê junto dela no lago cristalino e celestial que ele viu no começo da experiência com o chá. Só que agora ele se vê criança, por volta dos seis anos. Marília sai correndo na frente dele e ele corre atrás, numa brincadeira, até que ela o segura e ele vê uma luz azul clara e branca saindo do meio da própria testa. Ele entra nessa luz e dentro dela vê uma cidade no céu; todas as construções parecem de vidro, tudo muito verde, as pessoas caminham pelas ruas. Seres de todos os tipos, conhecidos e desconhecidos. Ele caminha por essa rua com a idade que tem agora; ele olha para o lado, e caminha de mãos dadas com a mãe, extremamente felizes. Ela ri perguntando se ele ainda achava que ela tinha morrido. Ele, com os olhos arregalados, faz que não com a cabeça.

Ele se vê numa sala toda branca sentado em posição de meditação, um som de sino tibetano ecoa por todos os lados. Ele pensa: O que tem dentro de mim que eu não reconheço? Ele vê uma luz vermelha escura tomando conta de tudo, toda a sala ganha esse tom. Ele pensa: Meu pai, ele nunca me falou o que realmente aconteceu com a minha mãe, ele deixou-me esquecer de tudo. Seus pensamentos correm cada vez mais rápidos, vozes se intercalam na sua cabeça, o vermelho da sala vai ficando cada vez mais escuro. Ele pensa: Raiva. Eu não tinha mãe. Ele tem uma visão sequencial de várias mulheres com quem ele teve relações fortes, se vê puxando a saia da sua vó quando ainda criança, se vê no ensino médio mexendo



no cabelo de uma menina, se vê fazendo sexo com uma jovem numa festa, acariciando o rosto de uma mulher que sorri para ele, finalmente ele vê a Bia naquela noite, eles se beijam... Ele volta para a sala, o tom vermelho do aposento vai ficando ainda mais escuro, como sangue escorrendo pelas paredes... Ele pensa sobre a mãe, sobre o pai: Por que eles nunca contaram-no sobre a irmã, por que eles esconderam tudo isso dele? Ele ouve sons de pessoas chorando, gritando, gemendo de dor. Do meio dessa escuridão, uma luz muito clara, como uma gota cai de cima, entrando na sua cabeça e iluminando tudo, tudo fica cristalino, como se ele estivesse flutuando no nada.

Vento forte. Ele vê a mãe segurando Bia ainda muito criança no seu colo, de noite, em frente à casa de Alto Paraíso. No fundo, um feixe de luz irradia desde cima. A mãe chora desesperada, abraçando a menina. Ele percebe seus olhos fundos, sua magreza, sua aparência enferma. Jessé sai de casa correndo pedindo para que por favor dessa vez ela não vá, ela olha para ele triste, mas com carinho, lhe entrega a menina e corre em direção à luz, desaparecendo entre estrelas coloridas.

Ele vê o pai em diversos momentos. Dentro de casa, bebendo pinga da garrafa, olhando para o céu do amanhecer como quem aguarda algo, vê Jessé rasgando roupas da mulher, descabelado. Observa Antônia encontrando Bia perdida na mata e vê a senhora e o pai discutindo, enquanto Bia, muito jovem, chora. Ele vê o pai, cabisbaixo, tirando Bia, ainda dormindo, do carro e a entregando para uma mulher na frente de um bloco residencial. O pai encontra um cartaz de grupo de estudos ufológicos na rua, ele o vê lendo, e depois palestrando sobre o assunto, também o vê sentado numa roda de meditadores sob o céu estrelado. Ele vê o pai e a mãe, grávida e saudável se abraçando, ele coloca o ouvido na barriga dela, alegre. Ela sussurra o nome Atila.

Atila se vê novamente na sala de meditação, agora com as paredes violetas. Ele se levanta, passando a mão nas paredes para se localizar na sala, ele encontra um espelho, ele vai se olhar, mas na verdade vê a mãe, que o olha tristemente, pedindo desculpas.

Ele retorna de supetão, à cidade do céu, exatamente onde estava antes, no entanto as ruas estão totalmente vazias. Sua mãe sorri para ele, ainda segurando a sua mão, ela pergunta se ele entendeu, ele olha para ela e faz que sim com a cabeça, ele fala sobre todas as visões,

que ele já estava entendendo, só não tinha percebido. Eles caminham por uma rua de terra, bem cheia de plantas e encontram uma fonte. Sentado perto da fonte ele encontra o pai, os três se abraçam forte. Tudo fica claro novamente e ele vê uma luz azul saindo do centro do peito, ele entra nessa luz e dentro dela vê os pais segurando as mãos, como se eles morassem dentro dele. Ele escuta a voz do pai dizendo que ele mora aqui agora.

Atila abre os olhos e percebe que está novamente na oca, só que agora tudo está voltando ao normal, as cores estão mais estáveis, as coisas se mexem menos, o fogo está quase apagando. Ele se levanta, se espreguiçando e sorrindo. A senhora alegremente dá um maracá para Atila e outro para Salomão, eles se olham e, rindo, começam a dançar em volta da fogueira, dando assovios, e gritos de alegria.

Atila, escorado numa árvore do lado de fora da oca, bebe um chá de gengibre. Ele olha para cima, o tempo está aberto, sorri. A senhora vem trazendo umas coisas lá de dentro e para em frente ao rapaz, deixando tudo no chão. Ela pergunta se ele está bem, e com a resposta mais que afirmativa dele, ela dá um beijo em sua testa e diz para ele se cuidar, para ele se amar e não esquecer de viver. Ela segue em direção à casa. Salomão sai da oca cantarolando e Atila pergunta da onde eles se conhecem mesmo. Salomão responde que seja de onde for, o lugar é bom e vem dando um abraço de estralar as costas de Atila e um beijo na bochecha, que deixa Atila ligeiramente sem graça. Eles se olham por um curto período e Salomão pergunta se ele não quer ir tomar um banho de cachoeira em algum lugar, afinal só se passaram 4 horas. Atila olha pra ele surpreso. Eles convidam a senhora, mas ela disse que vai ficar, descansar um pouco na rede, mas que eles podiam levar a caminhonete, desde que eles a trouxessem de volta. Eles riem e se despedem com abraços.

Eles seguem com a caminhonete por Alto Paraíso, ouvindo música brasileira no som. Eles entram numa estradinha que indica a entrada de uma cachoeira, param o carro, seguem a trilha passando filtro solar, Salomão imita um macaco pendurando-se em uma árvore, Atila senta um pouco respirando, exausto.... Eles chegam à uma linda, grande cachoeira e logo vão procurando um lugar para sentar na prainha em frente à queda. Algumas famílias estão ali, um cara estirado na pedra, pegando sol, umas crianças correm na beira da água; mais ao longe eles escutam um som de violão, pandeiro e chocalho e se aproximam, curiosos. Bia está tocando pandeiro e dois meninos tocam outros instrumentos, ela canta de olhos fechados até

que percebe Atila, larga tudo onde está e sai correndo para abraçá-lo, ela o enche de beijinhos na bochecha, na testa, na mão, o abraça e chama Salomão, abraça-o também, e se abraçam todos juntos. Atila pergunta como ela veio parar ali, e ela o pergunta a mesma coisa, eles riem. Os rapazes cumprimentam os amigos dela e se sentam, ouvindo a música. Bia volta a tocar.

Bia se aproxima de Atila dando-lhe a mão, e aninhando-se no seu braço carinhosamente, ela o chama para dar um mergulho na cachoeira. Os dois seguem correndo e pulam na água. Atila emerge da água respirando ofegante, Salomão pergunta de longe se está fria, Atila só arregala os olhos e entra na água de novo. Atila e Bia nadam para perto da cachoeira até que a água fica mais rasa e ela sobe numa pedra, dá a mão para ajudá-lo a subir. Eles vão seguindo por cima e quando eles chegam perto da cachoeira, Atila fecha os olhos e sorri. Bia olha para a cachoeira e comenta que ela também sente muita falta da mãe deles, e que para ela encontrar onde ela está não tem nada melhor do que fazer isso; ela segura a mão de Atila e o leva junto para baixo da cachoeira, os dois se abraçam e sorriem, sendo massageados pela água. FIM.

- **Roteiro**

Stella Mater

Por  
Lucas de Britto

INT. MANHÃ - APARTAMENTO

Os primeiros raios de sol entram no quarto através das cortinas brancas; ATILA, 23, acorda aninhado com BIA na cama. Ele entreabre os olhos e, bocejando, a abraça carinhosamente e apertado, esfregando o nariz no rosto dela com afeição. Ela o empurra com um toque no rosto, murmurando algo, rabugenta. ATILA senta na cama, rindo silenciosamente, limpa a baba do rosto, pega um moletom no chão lotado de roupas e papéis, objetos pessoais e desenhos e o coloca sobre a camiseta desbotada e a calça larga e quadriculada.

ATILA se levanta e caminha em direção à cozinha do apartamento.

ELENA  
(o chamando)  
Ô pitchuco...

Ele segue a voz vindo da sala. ELENA, 26 está deitada no sofá, com o cotovelo apoiado num travesseiro e debaixo de uma coberta, ainda de botas calçadas. Loira e descabelada, de óculos escuros e fumando um cigarro com a ajuda de um pires, claramente de ressaca.

ELENA  
(sonolenta)  
Eaê?? (sorri)

ATILA  
(indo dar um beijo na bochecha  
dela)  
Bom dia coração (bem-humorado)

ELENA  
Ei, antes que eu me esqueça, ligou o Jessé aí.

ATILA  
(estranhando)  
Meu pai?

ELENA  
Teu pai?

ATILA  
(catando umas garrafas do  
chão)  
É, o único Jessé que eu conheço. Felizmente nunca me liga... Aí logo

Sábado de manhã?

(CONTINUA . . .)

...CONTINUANDO:

ELENA

(espreguiçando)

Sei não lindinho, ele parecia meio preocupado, sabe...

ATILA

(sentando ao lado dela, no descanso de braço)

(desconsiderando) Ele tá sempre preocupado... e com um bando de coisa nada haver, sabe?

Demais pra minha paciência(...) (levantando) Vou ali fazer um ovinho, quer?

Ele percebe que ELENA caiu no sono novamente com a cara no travesseiro. Sorri e segue para a cozinha.

Ele liga o rádio na prateleira perto do fogão, está tocando reggae, ele dança um pouco enquanto prende o cabelo longo em um coque, pega uma frigideira e o azeite. Abre a geladeira meio vazia e pega um ovo. Assobia um pouco enquanto frita o ovo, até que o rádio começa a falhar. Ele tenta mudar a estação e acaba botando fogo na borda do seu casaco, apagando-o na parede. O ovo começa a queimar demais, ele corre para desligar o fogo. O som do rádio continua falhando. Uma súbita visão lhe ocorre.

O céu repentinamente se enche de nuvens e ele escuta o som de chuva forte chegando, ele olha para a mesa de jantar, uma flor branca murcha e apodrece num vaso; ele olha para os lados, nervoso, e sai da cozinha rapidamente, roendo as unhas. Ele entra no quarto e abre o armário procurando um outro casaco para vestir. Olha para trás, ainda roendo as unhas, fecha os olhos e passa a mão sobre o rosto, respirando nervoso. Ele pega o celular no bolso e procura nos seus contatos pelo número da avó. Ele tenta uma ligação, sem resposta. Ele pega um casaco qualquer e vai saindo da casa com o telefone na orelha, tentando ligar novamente.

Na sala, BIA e ELENA estão deitadas e abraçadas no sofá, praticamente sem espaço, BIA tem um braço e uma perna em cima de ELENA, as duas riem enquanto ELENA tenta se movimentar. ATILA entra na sala sem as perceber, as duas o acompanham com os olhos, ele anda pela sala de um lado para o outro, e olha para o celular irritado.

BIA

Tá tudo bem pitchulinha?

Ele não responde, ainda tentando fazer a ligação.

BIA

(preocupada, sentando-se)

Ei Atila, que foi nego, é a  
Marcela? Vocês brigaram de novo?

ATILA

(falando rapidamente)

Não cara, não é isso. Eu to com uma sensação muito  
estranha... Bia, to tendo umas visões esses dias e agora eu  
tenho certeza que alguém morreu, tenho certeza...

BIA olha para ELENA, estranhando, depois olha para o lado, também um pouco nervosa e pensativa.

ELENA

Ei, relaxa um pouquinho pitchubs, senta aí, respira...

ATILA olha para o celular, nada, ele vai saindo, abre a porta do apartamento.

BIA

(repentinamente)

Cara Atila, para com essas neuroses velho! Você reclama do  
teu pai mas tá parecendo ele, isso não é normal não...

ATILA fecha a porta furioso e deixa BIA falando sozinha, ele desce as escadas do prédio.

EXT. MANHÃ - ÔNIBUS/CASA DA VÓ

ATILA está sentado dentro do ônibus lotado, ele olha para os lados, incomodado. Um homem fala  
alto no celular, uma mulher dorme no ombro de uma senhora, uma criança segura um cachorro  
perto da janela, latindo. Ele olha para o celular, depois para fora, tempo nublado. Olha o celular  
novamente, abre a caixa de mensagens, nenhuma novidade.

Ele se levanta, apertando-se entre os outros, puxando a corda do ônibus, pedindo parada. Sai do  
ônibus.

Ele caminha rapidamente pela rua, vira numa esquina à esquerda. Ao fundo da rua ele vê fumaça  
saindo de uma casa. Uma concentração de carros, duas ambulâncias, um carro de bombeiros. Ele  
corre em direção à casa em chamas.

Ele para, congelado, em frente ao portão amarelo da casa, escancarado. Entre a multidão de  
pessoas ele vê um pano branco sendo estendido sobre o corpo da avó, imobilizada numa maca. Dois  
homens seguram-a no alto para colocá-la na ambulância. Ele cai desmaiado na rua.

INT. TARDE - ESTUDIO/APARTAMENTO

ATILA abre rapidamente os olhos, assustado. Vê JESSÉ, que, esboçando um sorriso de esperança o  
olha com os olhos cheios de lágrimas. A cabeça do jovem repousa sobre o colo do pai. Ele se levanta  
bruscamente.



ATILA  
(defensivo, se arrumando)

O que você tá fazendo aqui?

Eles estão num sofá no estúdio de pintura do apartamento de ATILA, algumas telas em branco empilhadas num canto, outras telas, já pintadas, numa fileira na parede.

JESSÉ  
Calma filho, a morte da vovó é um choque pra mim também,  
eu vim correndo de Alto Paraíso, queria te ajudar...

ATILA  
(irritado)  
Eu to de boa, não se preocupa.

ATILA, de cara fechada, levanta do sofá em direção a uma pintura inacabada num cavalete perto da janela. Uma tela escura com dois círculos vermelhos e brilhantes. Ele olha para a tela, a vira de costas e se escora na janela.

JESSÉ  
(tentando quebrar o clima)  
Ei cara, essa pintura... Eu não sabia que você andava  
levando a sério as minhas descrições de eventos  
ufológicos! Esferas brilhantes...

ATILA  
(enfurecido, curto e grosso)  
Você não presta.

O pai olha nervoso e sentido para ATILA.

ATILA  
Eu não consigo acreditar que nem com tua mãe morrendo  
você não consegue tirar essas merdas da cabeça!

JESSÉ  
(se aproximando de Atila)  
Filho, desculpa... Eu só tava querendo desocupar a  
tua mente um pouco.

ATILA  
(respirando)  
Pai... minha vó era a coisa mais importante da minha vida, se  
não fosse ela...

JESSÉ  
(o cortando, emocional)

Porque você deixou ela lá em Sobradinho sozinha então?  
Você deixou ela do mesmo jeito que me deixou...

ATILA, furioso, empurra o pai, e vai o empurrando para fora do apartamento.

ATILA  
(gritando)

Vai embora! Eu não sei o que você achou quando decidiu vir aqui...

Atila abre a porta e o pai, acuado, vai saindo.

JESSÉ  
(muito nervoso)  
Você não tá entendendo filho... Essas visões que você tá tendo... filho, me escuta.

ATILA  
(fechando a porta contra o pai)  
Para de falar! Vai embora!

Ele fecha a porta na cara do pai.

JESSÉ  
(choramingando, falando alto do outro lado da porta)  
Filho, me ouve... Eu quero mudar, vem comigo pra Alto... Cara, eu tenho muita coisa pra te explicar, por favor não fica aqui, eu to  
(MAIS...)

JESSÉ (...cont.)  
ouvindo o chamado filho, eu to indo e eu preciso acertar as contas....

ATILA  
(firme)  
Só vaza daqui!

ATILA coloca a mão sobre o rosto, irritado. Ele anda para o centro da sala, respira. Senta no chão. Tenta deitar em uma posição, chega perto do chão e vira, tenta outra. Ele se senta novamente, tentando alongar as costas, desconfortável.

O jovem se levanta rapidamente e começa a vasculhar pelas gavetas e prateleiras da sala. Pega um envelope, o olha e devolve balançando a cabeça negativamente. Se abaixa e puxa uma caixa debaixo do móvel da televisão.

ATILA ouve um som de goteira e olha para trás, não vê nada.

Ele vira-se e abre rapidamente a caixa de papelão. Dentro dela, em meio a uma miscelânea, outra caixa menor. Ele a abre e encontra um envelope amarelo claro. Arregala os olhos e, respirando, puxa uma fotografia de dentro dele. Na fotografia rasgada, ele se vê criança segurando um boneco grande e verde de ET. Ao seu lado, ajoelhado, seu pai sorri. A mão que não segura o boneco está dada com a de outra pessoa, mas, graças ao rasgo, não é possível ver quem a possui.

Ele olha para trás novamente, e, vermelho de raiva, rasga a foto inteira e atira os pedaços ao chão.

Ele ouve o mesmo barulho de água pingando e escorrendo, dessa vez vindo do quarto. O som torna-se cada vez mais alto. Ele segue o barulho, caminhando desconfiadamente pelo corredor, chega no quarto e novamente não encontra nada. Olha para os lados, nada. Abre o armário, olha novamente, pega um casaco e sai do apartamento apressado, colocando-o. Desce as escadas em espiral e na saída do prédio encontra BIA.

BIA

(levemente bêbada, abraçando-o, dando beijos  
na sua bochecha)

Ei! Você tá bem pitoco? Tava te procurando! Que que rolou?

ATILA balança a cabeça afirmativamente e dá um sorrisinho sem mostrar os dentes.

ATILA

(cansado)

Bora ali tomar uma cerveja comigo?

BIA segura o braço dele e o puxa pela rua.

EXT. NOITE - BAR/PARADA DE ÔNIBUS

BIA e ATILA tomam cerveja na calçada de frente para um bar pé sujo da asa norte. ATILA oferece mais um copo à BIA, que aceita, sorridente, enquanto termina de enrolar um baseado. ATILA coloca o copo ao lado de BIA na calçada e continua bebendo sua cerveja, olhando para o nada.

BIA

Tá pronto ticuni.

ATILA continua olhando para o lado, coça a cabeça, e não percebe BIA o chamando.

BIA

(mais alto)

Atila...

Ele olha para ela como se houvesse levado um susto, mas logo disfarça abrindo um sorriso.

ATILA

Oi! ...(risos)... foi mal, to pensando na vida aqui.

BIA

(se aproximando e passando a mão nas costas

dele)

Tudo bem nego? Ce parece um pouco estranho... Que que rolou hoje a tarde ein, quer me contar?

ATILA  
(sem jeito)

É. Tá tudo bem sim... Quer um isqueiro?  
(oferecendo)

Eles começam a fumar o baseado. ATILA e BIA riem, ATILA corre para perto do bar e levanta a garrafa fazendo sinal para mais uma cerveja. BIA ri. Eles bebem mais. Saem caminhando bêbados, cambaleando pela rua, rindo. ATILA faz carinho no cabelo de BIA, ela tira a mão dele dando um tapa, ele se assusta um pouco, ela ri, depois ele ri também. ATILA começa a correr pela calçada e ela o segue até que os dois, ofegantes, param perto do prédio deles. ATILA se escora numa árvore, BIA chega perto dele, passa a mão na sua orelha e vai se aproximando... Ela começa a ter uma crise de tosse e se abaixa, tossindo fortemente.

ATILA se abaixa para ajudá-la e rapidamente percebe, no ponto de ônibus do outro lado da rua, uma senhora preta, bem idosa, com um guarda-chuva ao seu lado, totalmente encharcada apesar da seca forte de Brasília.

BIA se levanta tomando fôlego e rindo da situação. Ela tampa a visão do rapaz. Ele olha de novo em direção para a parada, mas ninguém está lá.

INT. NOITE - APARTAMENTO

BIA e ATILA entram em casa, rindo à toa. BIA liga a luz, ELENA se encontra desmaiada no sofá com seus óculos escuros de gatinha, sua boca aberta, ainda de botas. BIA arregala seus olhos para ATILA, segurando o riso.

Eles passam pela sala catando garrafas de cerveja jogadas ao chão, ATILA fecha a janela devagar, olhando para ELENA e rindo baixinho, ela se vira no sofá.

BIA faz sinal de silêncio para ATILA, se aproxima e pega a sua mão, puxando-o para o quarto. Ela fecha a porta e dá um beijo no pescoço do rapaz, que, apesar de surpreso, cambaleando, responde positivamente apagando a luz.

Os dois se observam, ATILA se desequilibra, os dois caem na cama, rindo. Eles começam a tirar a roupa, se beijam ardentemente.

ATILA começa a tirar a parte de baixo quando, repentinamente, escuta um baque estridente e barulho de água escorrendo abundantemente, ele desmaia por um momento e têm uma visão.

Ele se vê criança, na mesma cena da foto rasgada que encontrara mais cedo em casa. Morde os lábios, olhando nervosamente para o pai. Olha para sua mão no outro lado, segurando uma mão de mulher. Vê o rosto dela claramente e ao perceber que ela é a sua mãe, sai correndo, com medo. Tudo fica sombrio. Ele continua correndo num túnel escuro, ofegante, olhando para trás, fugindo daquele rosto. Enxerga ao longe uma luz, essa luz vai se aproximando e também o barulho da água. Num canto escuro uma mão é iluminada por uma luz vinda de cima, essa mão segura uma carta de

tarô, “a morte”.

INT. MANHÃ - APARTAMENTO

ATILA acorda repentinamente. Ele está sozinho, coberto apenas pelo lençol branco da cama. Ele senta, olhando para os lados à procura de BIA. Se levanta rápido, coloca uma de suas cuecas que estava no chão e vai para a sala.

ELENA fuma um cigarro em posição meditativa, ainda de botas e com óculos de gatinha.

ATILA  
(ainda procurando)

Cadê a Bia?

ELENA  
(bocejando)

Bom dia.

ATILA olha fixamente e torto para Elena, esperando uma resposta.

ELENA  
Ihh, já vi que tá todo mundo de mal humor hoje... (se espreguiça, boceja) A Bia chegou aqui meio estranha, tinha ido no mercado comprar umas coisas, disse que tava indo embora por uns tempos.

ATILA  
(surpreso)  
Que? Pra onde?

ELENA  
Então.. O Jessé (...)

ATILA Meu  
pai.

ELENA  
(continua...)  
Sim, seu pai. Ele ligou mais cedo e depois disso ela ficou convencida de ir pra Alto Paraíso, sei não, parecia meio deprê, me falou que tava arrependida de umas coisas que rolaram ontem, que tava tendo umas visões, meio sem nexô (respira fundo e dá outra tragada).

ATILA, sem muita reação, vai rapidamente ao seu quarto e volta segurando uma mochila, ainda colocando algumas roupas dentro dela.

ELENA

(abaixando os óculos)

Atila, meus sentimentos pela sua vó cara, nem eu nem a Bia sabíamos.

ATILA fecha a mochila, se aproxima de ELENA, dá-lhe um beijo na bochecha e sai do apartamento.

EXT. MANHÃ - PARADA DE ÔNIBUS

ATILA cruza a rua e senta na parada de ônibus vazia na frente de casa. Ele abre a carteira, percebe que tem apenas três notas de dois.

Ele se levanta na esperança de algum ônibus passar logo. Olha para longe, nada. Um carro dos anos noventa, com som alto, para na frente dele. Uma senhora baixinha com óculos fundo de garrafa desce a janela manualmente.

SENHORA MOTORISTA

(sorrindo)

Bom dia jovem, vai pra onde? Sentido norte?

ATILA

Se a senhora estiver indo pro lado de Planaltina e puder me deixar na BR, ficaria agradecido.

SENHORA MOTORISTA

(dando risada)

Você tem grana? Se tiver te levo.

ATILA

Tenho seis...

SENHORA MOTORISTA (olha um pouco pra ele, pensa um pouco mexendo a boca, muda a rádio...)

Venha rapaz.

A SENHORA MOTORISTA destranca a porta, ATILA entra no carro.

EXT. MANHÃ/TARDE - BEIRA DA ESTRADA

O carro para num trevo. ATILA sai acenando para a senhora, anda um pouco e se senta num mato em baixo de uma placa. Ele tira um papelão e um canetão da mochila, escreve Alto Paraíso, e o segura acima da cabeça.

ATILA espera com a placa estendida por horas. Vários carros passam sem o notar, um caminhão passa, buzina mas não para. Ele se senta, ainda com a placa levantada. Um carro grande passa devagar, um rapaz e uma moça no banco do passageiro o observam, mas eles também não param.

Desesperançado e cansado, ATILA deita ao lado da placa, usando a mochila como travesseiro. Ele tira um cochilo.

Pouco tempo passa e um cara mais ou menos da idade de ATILA para ao seu lado e começa a urinar.

ATILA acorda assustado e o cara ri, continuando o que está fazendo. ATILA se levanta, sacudindo a sua roupa e olha para o carro dele; no assento do passageiro uma jovem, no banco de trás um outro rapaz.

ATILA  
(sem graça)  
Oi, licença, pra onde vocês vão?

PEDRO  
(fechando o zíper, olha para ele com os olhos meio baixos)

É comigo? (...)

ATILA faz que sim com a cabeça e faz um sorriso sem mostrar os dentes.

PEDRO  
(continua...)  
(...) Alto Paraíso. (estende a mão) Pedro.

ATILA se anima, o cumprimenta, já pega a mochila.

ATILA  
(tentando enturmar, caminhando com Pedro de volta para o carro)  
Atila. (sorri) Posso ir com vocês?

PEDRO  
(indo para o banco do motorista, descontraído)  
Uhum

ATILA  
(envergonhado, do outro lado do carro)  
É... que eu to sem dinheiro, gastei tudo chegando aqui.

PEDRO olha para a moça, ALICIA, desconfiado. O jovem do banco de trás abre a porta para ATILA.

SALOMÃO  
Entra logo, não se preocupa, te pago essa.

ATILA se senta ao seu lado, SALOMÃO coloca a mão no seu ombro e se apresenta.

SALOMÃO  
(abaixando a cabeça)  
Salomão.

ATILA  
(igualmente abaixando a

cabeça)

Atila.

Os dois se olham sorrindo.

ALICIA se vira, acena e estende a mão para ele.

ALICIA

(alegre)

Alicia, prazer.

ATILA

(sorrindo, confortável)

Igualmente.

INT. TARDE - DENTRO DO CARRO/ESTRADA PARA ALTO PARAISO

Eles seguem pela estrada, aos poucos o tempo vai ficando nublado. ATILA está sentado no canto, olhando para fora da janela enquanto PEDRO e ALICIA estão conversando entre si. SALOMÃO olha para ATILA, pensativo.

SALOMÃO

Ei... (atila não escuta)... Ei, cê tá indo pro Cosmic também?

ATILA

(meio bocejando, estranhando)

Hum... (se vira, olhando para ele) Quem?

SALOMÃO

A gente tá indo pro Cosmic Sounds, você vai pra lá também?

ATILA

(nem ideia do que ele está falando)

Acho que não (ri), é o que?

PEDRO

(interrompendo sua conversa com Alicia e também Salomão, que iniciava sua fala)

Que moleque lerdo hein. É "O" festival de cultura alternativa, só família.

ALICIA      Dark

pesado.

SALOMÃO

(concordando)      Só

família...

ATILA

(confuso)



Vou não, to tentando encontrar uma amiga que veio aqui pra Alto, acho que ela deve tá na casa do meu pai.

SALOMÃO

Seu pai mora na chapada?

ATILA

Aham

ALICIA

Pô, maneiro hein.

ATILA

Mais ou

menos... (pensa) A casa dele é bem massa, é uma fazenda grande, com cachoeira e tal...

PEDRO

(cortando ele)

Noooossaaa velho, sério mesmo? Boto fé que eu vou dar um pulo nessa cachu mais tarde ein. Teu pai tem problema com nudismo?

Todos riem.

ATILA

Não, acho que não véi. Não faria muito sentido meu pai ter problema com nudismo...

SALOMÃO

(curioso) Porque?

ATILA

Ai cara, ele é todo dessas histórias de ufologia, astrologia, e fada, e duende...

PEDRO

Então ce quer dizer que teu pai é doidão?

Todos riem, menos ATILA, que abre um sorriso forçado.

ATILA

É, pode ser que seja.

SALOMÃO

(sério)

Mas cara... ufologia é coisa séria.

ALICIA

Peraí que eu vou bolar um beck pra combinar com esse assunto.

PEDRO

liisso

garota.

ALICIA começa a preparar o baseado, PEDRO troca a música no celular. Começa a tocar "SOS" de Raul Seixas. Eles jogam papo fora, falam de música, de mochilão, de cultura alternativa, agrofloresta, ácido e cogumelo... SALOMÃO passa o beck para ATILA.

SALOMÃO  
(chapado, sorriso)

Ei, sua vez!

ATILA pega o baseado e começa a fumar. Dá um trago, dá outro...

ATILA  
(segurando a fumaça)

Sabe uma coisa que eu não entendo? Essa fascinação do meu pai com essas paradas sabe. O cara já gravou até programa de ufologia...

SALOMÃO  
Irado...

ATILA  
É, eu não achava não, aquilo me assustava um pouco quando eu era criança, ele era meio desligado sabe...

SALOMÃO  
Foi mal cara...

ATILA  
(tranquilo)  
Relaxa, eu não lembro muito bem de nada antes dos meus sete, oito anos mesmo.

ALICIA  
Até os oito? Isso é bastante, você lembra de alguma coisa que te marcou nessa época?

ATILA nervosamente estala os dedos, ouve um barulho estridente e olha pra trás, nada.

ALICIA  
Tudo bem velho?

ATILA  
Acho que sim, é (parece atordoado)... Enfim, minha mãe morreu um pouco antes disso.

Todos ficam em silêncio, PEDRO coloca um rock psicodélico e começa a falar sobre as guitarras do Pink Floyd.

ATILA ouve um som de trovão e olha para fora da janela. Percebe, dentro da plantação de soja ao lado da estrada, a mesma senhora que ele avistara na parada de ônibus em Brasília, igualmente molhada e de amarelo, segurando um guarda chuva aberto.

O carro passa rapidamente e ele vira para trás, para não perder a senhora de vista.

Ela aponta para cima, sons de trovão tomam conta do ambiente. Ele se vira para frente, pálido. SALOMÃO o observa, confuso. ATILA irrompe numa crise de tosse e repentina falta de ar, ele tenta respirar com força, se segura no assento e arregala os olhos. SALOMÃO, ao seu lado, desesperado tenta ajudá-lo oferecendo sua garrafa de água.

SALOMÃO

(tentando segurar Atila)

Tenta respirar devagar cara, inspira pelo nariz, respira pela boca...

ATILA continua tossindo copiosamente. Uma chuva forte começa a cair, eles são obrigados a ir mais devagar.

PEDRO

Velho Alicia eu já falei pra você parar de psicanalisar todo mundo velho.

SALOMÃO

(imperativo)

Pedro, para o carro.

PEDRO encosta o carro no meio fio e ATILA sai tentando respirar fazendo força. Ele se prostra segurando os joelhos, tossindo. SALOMÃO segura ele tentando ajudar sem saber o que fazer. Ele tosse tanto até vomitar. Logo após isso, ele se levanta, respirando aliviado.

ALICIA

(de dentro do carro)

Tudo bem aí?

ATILA vira a mão para trás fazendo joinha, respirando com os olhos fechados. SALOMÃO o ajuda a voltar para o carro. Eles entram.

PEDRO

(debochado)

Acabou? Pode ir?

Ele olha para trás, ATILA caiu no sono. Eles seguem pela estrada.

EXT. FIM DA TARDE - SONHO NA ESTRADA

ATILA tem um sonho. Primeiro, escuta um barulho de água corrente. Uma luz de fim de tarde paira

sobre a superfície de um lago manso, emanando um brilho dourado.

Ele escuta uma voz de mulher solfejando mansamente. Ele se vê como um bebê. De sua visão, ele olha para cima, vê o mesmo rosto da mulher da foto rasgada. Ela sorri.

Ela passa a mão sobre o rosto dele e o segura bem perto do peito, dá um sorriso.

MARÍLIA

Atila... (ele dá uma risada de bebê)

Ela o balança, dando um beijo na sua testa.

INT. COMEÇO DA NOITE - DENTRO DO CARRO/ALTO PARAISO

PEDRO tenta acordar ATILA balançando-o veementemente. ATILA sorri, confortável.

PEDRO

(desistindo, virando-se para a frente)

O cara está em outro universo.

ATILA acorda meio zonzo e olha para fora. Eles estão parados na entrada de Alto Paraiso em frente à um portal com o nome da cidade, chove forte.

ATILA

(sentando-se direito, se arrumando)

Oi gente, foi mal capotei. Então cês querem ir lá no meu pai mesmo? Já tá tarde.

SALOMÃO

Mas a gente te deixa lá cara, desencana.

PEDRO

(sem paciência)

É, pode ser.

ATILA os conduz em direção à casa do pai. Eles seguem pela estrada, entram num caminho de terra, descem um morro, e finalmente encontram uma pequena casa azul escondida no meio de uma plantação de pinheiros. Escutando o barulho do carro chegando, JESSÉ sai na varanda segurando um chocolate quente.

INT. NOITE - CASA DE JESSÉ

Os jovens entram na casa. Na pequena sala a lareira está acesa. JESSÉ dá um abraço em ATILA que retribui um pouco tenso.

JESSÉ

(entusiasmado)

Eu sabia que você viria meu filho! Só não sabia que você traria amigos!

ATILA  
(sem graça)  
Pai, é que...

JESSÉ  
(o interrompendo, apressado)

Não se preocupe Atila! Eu adorei a surpresa. Vamos todos jantar aqui, cada um faz uma coisa e a gente come. (olha para o grupo) Oi gente, vou arrumar as coisas.

PEDRO, ALICIA e SALOMÃO sorriem. JESSÉ se retira para a cozinha apressado. BIA, de cabelo molhado, sai de um quarto do outro lado da casa, ela para na sala, olha para todos, depois para ATILA, meio atravessado, sorri amarelo.

BIA  
Oi gente.

Ela se vira prontamente para voltar ao quarto, ATILA a segue.

ATILA  
(caminhando atrás de Bia)  
Bia... Ticuni... Eu não to entendendo mais nada, você... Foi mal se eu pisei na bola... Bia (toca no ombro dela).

BIA  
(de costas, chegando no quarto, seca)  
Atila, relaxa, não quero falar disso agora. Você já tá aqui, isso que importa, vai lá cozinhar que eu já to indo.

ATILA  
(tentando chamar a atenção de Bia)  
Bia, eu não sei o que tá acontecendo acho que eu to ficando louco, vendo umas coisas, tendo sonhos, preciso do seu apoio, você é minha melhor amiga.

BIA  
(respirando fundo e o olhando de volta, tensa)  
Atila, presta atenção, isso é sério. Eu sinto as mesmas coisas. Agora me deixa em paz um pouco.

ATILA, ressentido, sai do quarto em direção à cozinha.

Na cozinha, PEDRO, ALICIA, SALOMÃO e JESSÉ estão sentados à mesa, cortando legumes e conversando entusiasmados.

PEDRO

... A gente tá indo pro Cosmic

JESSÉ

Cosmic?

ALICIA

O festival...

JESSÉ

Ah, acho que sei do que você tá falando, uma festa que vai ter lá em São Jorge

ALICIA

Isso!

JESSÉ

Mas essa festa não começa só na Quinta? Atila, senta aqui meu filho, to adorando os teus amigos.

ATILA, sem graça, senta entre JESSÉ e SALOMÃO. JESSÉ dá um prato a ele, uma faca e uma abobrinha.

SALOMÃO

(percebendo Atila)

Tudo bem cara?

ATILA faz que sim com a cabeça. Começa a cortar o vegetal.

JESSÉ

E vocês chegaram antes pra curtir a chapada é? Tenho umas dicas se vocês quiserem, esse lugar é muito raro meus queridos, coisas... diferentes... acontecem aqui.

ATILA olha para o outro lado, envergonhado. SALOMÃO parece cada vez mais interessado, se aproximando para ouvir.

SALOMÃO

Seu Jessé, aqui é uma área de muitos avistamentos ufológicos, não?

JESSÉ

(maravilhado com a pergunta)

Claro! claro querido, aqui é "O" lugar.

SALOMÃO sorri para ATILA, ele o olha meio assustado.

JESSÉ

(entusiasmado)

...Gente porque vocês não dormem aqui hein, quem sabe a

gente não presencia um fenômeno esta noite! Essa chuva está parando, tem colchão e lençol pra todo mundo aí.

ATILA

Pai!

PEDRO já se levanta pegando a chave do carro.

ALICIA

Traz meu livro por amor.

ATILA, desistindo da situação, continua compenetrado em cortar sua abobrinha.

INT. NOITE - CASA DE JESSÉ/HORA DE DORMIR

JESSÉ traz um colchão de casal para a sala. PEDRO, SALOMÃO e ALICIA seguem para o quarto onde BIA está. Ela passa em direção a cozinha com um copo na mão, ATILA, arrumando a cama, olha para BIA, dando um meio sorriso. Ela para, olha para a cama, olha para ele, se vira e segue para a cozinha.

JESSÉ

(do quarto, alto)

Pedro e Alicia dormem aqui no beliche... ((BIA)), você vai dormir na cama de solteiro né.

BIA

(da cozinha)

Já to aí!

ATILA olha para baixo, triste. BIA passa correndo para o outro quarto, ATILA a olha ressentido. SALOMÃO se aproxima com as suas coisas.

SALOMÃO

Você se importa em dividir a cama?

ATILA

(já se deitando)

Não... (se acomodando no travesseiro) Gosto de companhia pra dormir.

SALOMÃO apaga a luz e se acomoda no colchão.

INT./EXT. MADRUGADA - CASA DE JESSÉ/ABDUÇÃO

ATILA acorda no meio da noite ouvindo um baque estranho, a lareira está acesa. Ele senta abrindo os olhos, respira, boceja e tranquilamente se levanta. Vai à cozinha, acende a luz, pega um copo na estante. Percebe, sobre a mesa, uma caixa de alumínio aberta, cheia de fotos. Ele enche o copo de água e se senta à mesa.

Ele passa as fotos, uma por uma. No meio destas ele encontra uma foto que o causa estranheza. Ele a analisa, trazendo-a para perto do rosto. Na foto JESSÉ e sua mãe estão abraçados e, puxando a roupa da mãe, uma menina por volta dos seus 3 anos. Ele vira a foto, no verso está escrito “eu,

Marília e Bia, 1992”.

ATILA  
(lendo para si mesmo)  
Bia, 1992... Bia? ...

Ele vira a foto e presta atenção nos olhos da menina.

Ele levanta deixando a foto cair e vai rapidamente em direção ao quarto em que BIA está dormindo.

Uma forte vibração como um terremoto toma conta do ambiente, balançando a casa. Copos caem das prateleiras da cozinha, PEDRO e ALICIA correm para a sala, SALOMÃO fica em baixo do sopé da porta. ATILA se abaixa. Vindo do lado de fora, um forte clarão inunda tudo, impossibilitando a visão de todos.

Como se por um momento tudo ficasse silencioso e lento, ATILA, PEDRO, ALICIA e SALOMÃO correm para o quintal. PEDRO cai no chão tampando os olhos, ATILA olha para cima. No céu acima da casa, pontos de luzes brilhantes e multicoloridos, como cristais iluminados por um foco de luz sobem em direção à uma fonte resplandecente de onde o clarão se irradia. Entre as luzes multicoloridas ele vê JESSÉ e BIA, levitando em direção à fonte. Ambos estão serenos, de olhos fechados, sorridentes.

Um outro tremor sacode tudo. Rapidamente o clarão, suas estrelas multicoloridas, JESSÉ e BIA, tudo se condensa em um único feixe de luz, que se transporta rapidamente em direção à imensidão do céu.

ATILA, SALOMÃO, ALICIA e PEDRO ficam parados, apenas olhando para o céu estrelado, sem reação. Uma lágrima cai do olho de SALOMÃO.

PEDRO se levanta do chão, pega ALICIA pelo braço, e, mancando, a coloca dentro do carro e fecha a porta. JESSÉ e SALOMÃO continuam olhando para o céu, desligados. PEDRO dá partida e sai em disparada. ATILA e SALOMÃO percebem e correm, tentando alcançar o carro.

SALOMÃO  
(gritando)  
Espera Pedro!

PEDRO  
(virando para trás enquanto acelera, gritando  
assustado)  
Vocês são loucos! Eu vou embora desse lugar!

Atila e Salomão tentam alcançá-los, continuam correndo até perderem o carro de vista. Os dois ficam parados no começo da estrada de terra, esbaforidos.

INT./EXT. MADRUGADA - CASA DE JESSÉ/PÓS-ABDUÇÃO

ATILA entra em casa e se senta no chão da sala. Ele coça a cabeça, olha para o lado, tenta encostá-la no braço do sofá. SALOMÃO senta ao seu lado, fica olhando para o nada, estrala os dedos, coça a barba.

ATILA se levanta, busca lenha e a põe na lareira. Ele olha contemplativo para o fogo, senta e respira.



O silêncio impera na sala. ATILA pega um livro, abre uma página qualquer, procura outra, o suspende no ar, o fecha; tenta ler novamente. Com raiva, joga o livro no chão. SALOMÃO continua parado, apenas observando. ATILA começa a se mover agoniado. Ele se levanta e anda em círculos pela sala.

Ele tropeça num descanso de porta. Senta no chão, segurando o pé e, finalmente, começa a chorar compulsivamente, colocando as mãos sobre o rosto.

SALOMÃO se aproxima, ele tenta encostar em ATILA, mas ele se esquivava. SALOMÃO vai até a cozinha.

Ele volta da cozinha com um vinho aberto na mão, oferece-o a Atila, ele olha para SALOMÃO, chorando, pega o vinho e toma direto do gargalo. SALOMÃO toma o vinho dele e bebe um gole ainda maior, ATILA ri.

ATILA pega um violão na sala, senta no sofá e toca umas notas desafinadas, desiste pondo o violão de lado. SALOMÃO senta-se ao seu lado e pega o violão; ele começa a tocar uma melodia bonita e complexa.

(CONTINUA . . .)

...CONTINUANDO:

ATILA  
(suspeito)  
Exibido...

SALOMÃO ri e começa a caprichar ainda mais nas notas, de olhos fechados. ATILA o olha sorrindo, impressionado. Ele sai para buscar outro vinho na dispensa.

Eles bebem mais, SALOMÃO toca uma canção dos Beatles, eles cantam alto, bebem e riem.

ATILA, tentando acompanhar outra música, mas errando a letra, já bastante bêbado, volta a chorar. Ele alterna o choro e risadas, bipolar. SALOMÃO continua tocando, mas começa a choramingar também.

ATILA  
(bêbado)  
Sabe... (funga), eu não sei mas nem quem eu sou cara.

Ele ri, pega a garrafa de vinho, dá um gole e continua.

ATILA  
Até essa noite, eu nem sabia que meu pai não tava viajando, que... antes de ontem... eu nem lembrava do

rosto da minha mãe, nem lembrava que ela existia.

SALOMÃO começa a tocar um flamenco misterioso enquanto presta atenção no que ATILA fala, ATILA ri, arregala os olhos, segura o cabelo, morde os lábios.

ATILA

... E a Bia cara... eu nunca, nunca imaginei que ela era minha irmã.

ATILA abraça as pernas em cima do sofá e começa a chorar novamente. SALOMÃO delicadamente deixa o violão de lado e envolve ATILA num abraço apertado, ele chora e aperta SALOMÃO um pouco mais forte. SALOMÃO olha para os olhos de ATILA e dá um sorriso. Ele seca suas lágrimas com a mão.

SALOMÃO

(fingindo seriedade)

Unção de Salomão, meu filho.

ATILA ri e, um pouco sem graça, se levanta engolindo o choro. Ele tira o casaco e se encolhe debaixo do cobertor no colchão. SALOMÃO também se deita, claramente bêbado. O sol começa a sair.

INT./EXT. FIM DA MANHÃ - CASA DE JESSÉ/PEDINDO CARONA

ATILA acorda com o rosto próximo ao de SALOMÃO. Bem devagar, ele se afasta, coloca os braços no colchão, e senta, com um olho meio aberto e outro fechado. Ele bota uma mão na cabeça franzindo a testa de dor. Ele se levanta e percebe que as portas e janelas ficaram abertas.

Entra na cozinha coçando os olhos e percebe que a porta da geladeira também foi deixada aberta. Olha dentro da geladeira, nada. Vai até a pia da cozinha, totalmente coberta de pratos empilhados da janta anterior. Segue para a dispensa, vasculha por alguma comida, encontra várias garrafas vazias, algumas latas de óleo, comida de cachorro, uma lata de atum. Ele volta, abrindo as gavetas, numa delas acha uma nota de 20 reais, guarda-a no bolso.

Ele volta à sala e SALOMÃO está sentado de pernas cruzadas, mas ainda não abriu os olhos.

SALOMÃO

(ainda de olhos fechados)

Ai... que ressaca.

ATILA ri afirmativamente.

ATILA

Nego, se arruma que não tem nada na cozinha, achei vinte reais, a gente pode ir num mercado lá na cidade.

ATILA oferece o braço e puxa SALOMÃO da cama.

SALOMÃO

(arrumando a roupa, botando uma blusa de frio)

Capaz da gente achar o Pedro com a Alicia lá, vai que eles são mais calmos né.

Os dois saem de casa, faz bastante sol. SALOMÃO volta rápido na casa e sai sem a blusa de frio. Eles

caminham pela estradinha de terra, sobem o morro, passam por umas árvores grandes, depois por um descampado e chegam à estrada.

Os dois colocam o dedo para conseguir uma carona.

O primeiro carro que passa para, e eles entram.

EXT. COMEÇO DA TARDE - ALTO PARAISO

O carro estaciona na pracinha central da cidade de Alto Paraíso. ATILA e SALOMÃO saem acenando, agradecem. Os dois param, olham para a rua pacata, ATILA dá dois passos subindo a rua e olha a esquina procurando algo.

ATILA

Tem um mercadinho ali pra cima, acho que a umas três quadras daqui.

SALOMÃO o segue, eles caminham juntos subindo a rua.

Eles chegam na frente do mercado, o lugar está fechado. Um senhor rastafári vira a rua e passa na frente deles.

SALOMÃO

(ao senhor)

Amigo!

O senhor se vira. ATILA senta na calçada.

SALOMÃO

(se aproximando)

Oi, bom dia, você sabe se tem algum mercado aberto por aqui?

SENHOR RASTA

Olha, tem um ali (dicionando com a mão),  
você desce a rua e vira a direita, é na frente da rodoviária.

SALOMÃO

Ok! Agradecido. Bom dia.

SALOMÃO se vira e ATILA se levanta.

SENHOR RASTA

(chamando a atenção)

É... gente, só não sei se vai tá aberto, é feriado estadual, e já passou de meio dia, mas tentem!

Os dois agradecem e saem andando pela rua.

Eles chegam perto da rodoviária. Avistam o mercadinho, o local ainda está aberto, mas já estão fechando quase todas as portas. Os dois saem correndo, SALOMÃO corre mais rápido e entra. ATILA se aproxima correndo.

ATILA esbarra numa senhora saindo com uma quantidade imensa de compras. Ele imediatamente se abaixa, catando as sacolas do chão.

ATILA

(organizando tudo, sem olhar para cima)

Desculpa, desculpa mesmo eu queria entrar no mercado, mas sério foi mal...

Ele se levanta rapidamente segurando as sacolas.

ATILA percebe que a senhora é a mesma que lhe aparecera na parada de ônibus e também no meio da plantação, durante a chuva, no dia anterior. Ele congela, olhando-a assustado. A senhora, ANTÔNIA, o olha profundamente com seus olhos negros e dá um pequeno sorriso.

ANTONIA

(se virando)

Então, você vai me ajudar a pôr essas compras no carro?

ATILA a segue, carregando as compras até uma caminhonete vermelha, um pouco velha e suja de barro, parada ali na frente.

SALOMÃO sai do mercado desapontado.

SALOMÃO

Já era cara! Os caixas fecharam, que que a gente faz? A gente pode ir na padaria, mas o dinheiro ia desaparecer...

ANTONIA

(se aproximando, o cumprimentando, gentil)

Bom, esse jovem muito gentil colocou as compras no meu carro, se vocês forem lá em casa comigo e me ajudarem a descarregar a caminhonete vocês estão convidados para comer um ensopado delicioso que eu vou preparar.

Os dois se olham, ATILA faz que sim com a cabeça para SALOMÃO. A senhora senta no banco do motorista e liga o carro. Os dois ficam parados do lado de fora discutindo.

ANTONIA

Então??

Os dois entram na caminhonete.

INT. TARDE - CAMINHONETE DA SENHORA

Os três seguem pela estrada, passando por casas e pedaços de mata, a vista é bonita. A senhora canta constantemente, repete frases desconexas, assobia, sempre tranquila. Eles viram à esquerda numa estradinha de terra.

SALOMÃO

É...

ANTONIA

(continua assobiando, o olha de lado)

Antônia?

SALOMÃO

(entusiasmado)

Ah, prazer! Salomão.

ANTONIA

Nome bonito.

SALOMÃO

(contente)

Obrigado! É, Antônia, desculpa a pergunta, mas, o que são essas músicas que você tá cantando?

ANTONIA

Garoto esperto. São ícaros, cantos dos curandeiros e curandeiras da Amazônia e dos Andes.

Eles passam sobre um quebra-molas improvisado.

ATILA

(se segurando)

Interessante.

ANTONIA ri e continua cantando. Eles entram numa mata fechada e logo vêem uma casa de adobe entre as árvores, razoavelmente grande, porém simples.

EXT. TARDE - CASA DA SENHORA/CHEGADA

A senhora para o carro e abre a traseira, pega algumas sacolas e entra na casa. ATILA e SALOMÃO descem do carro, ATILA pega uma quantidade exagerada de sacolas, tentando carregar o máximo possível. A senhora sai à porta e os chama com a mão. Os dois entram na casa.

ANTONIA

Meninos podem deixar as coisas ali (olha à esquerda em direção da cozinha) na cozinha, ok? Vou ali dar comida pros cachorros.

Os dois entram na casa e descarregam as compras. SALOMÃO se distrai olhando as paredes, ATILA sai para pegar mais sacolas. SALOMÃO observa, nas paredes, inúmeras gravuras. Figuras de chefes

indígenas norte-americanos, amazônicos; penas, cocares, tambores, maracás na parede.

SALOMÃO

(impressionado)

Atila! Vem aqui cara.

ATILA entra carregado de compras. Deixa-as perto da pia, ofegante. SALOMÃO o chama novamente.

Os dois seguem observando as figuras na parede da sala/cozinha. Do outro lado, representações de Buda, Krishna, iogues, de Cristo. Em outra parede figuras geométricas, desenhos de chakras, yantras e anjos.

ATILA

(olhando para cima)

Tá mais louca que meu pai.

ANTONIA

(gritando do lado de fora)

Meninos!! Venham me ajudar com o resto que o carro ainda tá cheio.

Os dois saem da casa. SALOMÃO pega suas sacolas primeiro e já as leva para a cozinha rapidamente, ATILA começa a pegar as suas, ANTONIA se aproxima.

ANTONIA

(cômica)

Se teu pai é louco então eu não sei o que é ser são (ri).

ATILA

(terminando de pegar as compras, estranhando)

Você conheceu o meu pai então? ...

ATILA carrega as sacolas fazendo força, a senhora fecha a caminhonete e o acompanha, continuando a conversa.

ANTONIA

Mas é lógico! Lógico que eu conheço o Jessé.

ATILA coloca as sacolas no chão e senta numa cadeira.

ANTONIA

Quer uma água meu filho? Aqui vem da nascente.

SALOMÃO

(sentado no chão do outro lado, olhando os quadros)

Eu quero também!

A senhora vai encher os copos na torneira.

ATILA

Você sabe o que aconteceu com ele?

ANTONIA

(entregando os copos)

Com o Jessé? (Atila confirma com a cabeça) (...) (ela se vira para ele) Sei mais do que você imagina! E se você quiser saber, você está no lugar certo, a gente ainda vai conversar muito, não se preocupe.

SALOMÃO dá um bocejo alto, ele se senta num sofá.

ANTONIA

Porque vocês não descansam enquanto eu preparo a janta meninos, tem uma cama ali ó (aponta para um quarto fechado por uma cortina), sintam-se a vontade.

Os dois entram no quarto, a senhora começa a cortar os vegetais.

INT. NOITE - CASA DA SENHORA/JANTAR

ANTONIA prepara um ensopado numa imensa panela na cozinha, cantarolando um ícaro. ATILA sai do quarto, despertando, e se aproxima, sentindo o aroma.

ANTONIA

Gostou?

ATILA

Nossa demais, que fome.

SALOMÃO sai do quarto morrendo de frio.

ANTONIA

Faz frio aqui né... (continua mexendo o caldo), é que a gente tá no meio do nada (ri), então, cês sabem fazer fogueira?

SALOMÃO

Claro!

ANTONIA

Maravilha, tem uma cabana ali fora, na mata, e a gente vai comer lá, daí lá dentro tem um buraco no meio pra acender o fogo, e lá fora encostado tem lenha já cortada, vocês podem fazer isso?

ATILA

Aham.

Os dois seguem um caminho na mata e encontram a cabana redonda, como uma oca de palha com chão de terra. Luzes estão ligadas. Eles pegam madeira fora e vão colocando num buraco no meio da oca, fazendo uma fogueira. Eles pegam umas cadeiras que estão encostadas na parede, perto de uma caixa de som e as colocam em volta da fogueira.

ATILA observa uma mesa numa das laterais, cheia de imagens, velas, cartas: um altar. Ele se aproxima e vê, ao lado de uma vela acesa uma carta de tarô virada para cima, “a morte”, exatamente como na sua visão repentina da foto rasgada.

Ele se vira para frente rapidamente como se nada tivesse ocorrido. A senhora entra na oca com a panela e pratos em cima, a coloca próxima da fogueira no chão. Os rapazes se aproximam para se servir.

ANTONIA

(olhando para Atila por baixo)

Tá com medo da morte é meu filho?

ATILA fica com a pele corada, sem graça. Ela começa a servir SALOMÃO.

ANTONIA

Brincadeira menino, quando “a morte” sai pra gente é na verdade um ótimo sinal (limpa a garganta, pega o prato de Atila), sabia? É a oportunidade da gente ver as coisas sob outra perspectiva.

Eles começam a comer.

ATILA e SALOMÃO se servem de novo.

E de novo.

SALOMÃO

(já cansado de comer)

Hum... comida deliciosa

ATILA

(com a boca cheia)

Uhum, nossa...

A senhora começa a recolher algumas coisas, fechar a panela.

ANTONIA

Meninos, eu estava pensando, se não me engano vocês não têm planos, né? É tarde, dá pra ver que vocês estão cansados. Por que vocês não dormem por aqui? Eu recebo gente sempre, lá dentro tem colchonete, cobertor, tudo que vocês precisarem e ainda tem o calor dessa fogueira



que vai durar um bom tempo.

ATILA olha para SALOMÃO, que sobe os ombros e faz cara de cansado, depois afirma com a cabeça.

Eles entram num quarto com vários colchões, instrumentos musicais, cobertores, travesseiros. Num canto uma mesinha cheia de plantas em volta e em cima. ATILA se aproxima, curioso. Ele vê um brilho dourado de uma estrutura metálica dentro de uma samabaia, ele a abre para ver melhor.

Ele vê uma estrutura piramidal parcialmente tampada por um pano branco. Na porta do quarto a senhora o observa silenciosamente. Ele chega a mão próxima, mas não a toca, ele se vira.

ATILA

O que é isso?

ANTONIA

Olha que esperto, foi direto ao ponto do chamado (ri)

Ele a olha sem compreender.

ANTONIA

É simples e natural, e vai te levar a entender o caminho dos seus pais, isso se você quiser, e depois que você descansar.

SALOMÃO dá um cobertor, um colchonete e um travesseiro para ATILA, ele tem um espasmo repentino, se treme rapidamente e para.

ATILA

Eu ein... (ri da sua própria reação, olhando para trás, tentando entender)

ANTÔNIA e SALOMÃO riem também. Eles saem do quarto, a senhora apaga a luz.

INT. MANHÃ - OCA/1

Os primeiros raios de sol clareiam a oca. ANTONIA, sentada na frente de ATILA e SALOMÃO, que ainda dormem, balança um maracá.

ANTONIA

Dia! Vamos!

ATILA e SALOMÃO acordam com os olhos embaçados, a senhora os oferece um copo d'água. ATILA toma primeiro.

ANTONIA

Vocês estão preparados?

SALOMÃO arregala os olhos e se vira para ATILA, faz um movimento afirmativo com o braço no ombro do amigo e sorri. ATILA ri sem graça, sem entender.

ANTONIA

(segura a estrutura piramidal tampada com o pano branco)

Esse é o chá da rainha da floresta, da senhora ancestral.

ATILA ri, ainda sem entender.

SALOMÃO

Ayahuasca.

ATILA olha assustado para a garrafa e para SALOMÃO.

SALOMÃO

Amigo, confia, a gente não pode estar com tudo isso acontecendo à toa.

ATILA engole seco e tem outro calafrio como o da noite anterior, ele ri e faz um joinha afirmando para a senhora.

ANTONIA

(contente)

Eu vou servir o chá, vocês podem pegar um outro cobertor ou um casaco ali (aponta para um canto da oca com umas coisas empilhadas, e depois vem aqui comungar.

Ela retira o pano da garrafa piramidal e a move de forma circular. Eles vão até a pilha e voltam com casacos. ANTÔNIA serve um copinho de café cheio de chá para cada um.

ATILA e SALOMÃO deitam-se em seus respectivos colchonetes. A senhora liga a caixa de som da oca e bota uma música calma com tambores.

ATILA aos poucos vai relaxando com a música e ficando sonolento. Ele vê as formas embaçadas, todo o ambiente à sua volta começa a perder os contornos definidos. Ele vê focos de luzes aparecendo em todo o seu campo de visão. Ele dorme sorrindo.

EXT. MANHÃ - OCA/SONHO

ATILA tem um sonho. Ele se vê numa rede que balança no meio do céu, conta estrelas com os dedos, apesar de estar de dia.

Ele se levanta e começa a caminhar por esse céu cheio de nuvens brancas e estrelas coloridas, quando repentinamente sente uma pontada no peito. Seu corpo se retorce, ele toca o peito, com dor, e continua andando com dificuldade.

Segue caminhando e encontra, no meio desse céu, um lago cristalino. Ele olha seu reflexo; um buraco negro já toma conta do seu peito e continua se expandindo. Um vento forte inunda o lugar, ele escuta musicalidades distantes que vão se tornando harmonias sombrias.

O negro do buraco começa a tomar conta de tudo, o céu inteiro escurece. ATILA segura sua

garganta agoniado, tentando gritar, mas nada sai. Ele ouve risadas e falas vindo de um lado e de outro, indistinguíveis, olha para todos os lados tentando perceber de onde os sons vêm, até que escuta uma única voz, debochada e triste, tudo se apaga.

VOZ  
(chorando)

Como dói...

INT./EXT MANHÃ - OCA/2

ATILA acorda assustado, se senta respirando ofegante e percebe que ainda está no mesmo lugar, deitado no seu colchonete na oca.

Ele percebe as cores do ambiente à sua volta mais vivas e claras; as formas estão mais fluidas, com contornos menos definidos ainda e em geral há mais luz.

Ele procura a senhora com os olhos e a vê sentada na beira da fogueira numa cadeira de balanço. Ela pita um cachimbo, sorrindo. Ele percebe que o corpo dela irradia muita luz.

Imediatamente ele tem um reflexo de enjoo, sendo impulsionado para a frente, segurando a barriga. Começa a gaguejar e se levanta rapidamente indo rápido para fora da oca.

Ele sai e, abrindo os olhos, sente o sol esquentando a sua pele. Olha em direção ao sol, tropeça num arbusto de folhas longas e quando olha para a planta a vê se expandindo e contraíndo. As costelas de ATILA também se expandem e contraem.

ATILA  
(em pensamento, segurando o lado direito do  
tórax)

*Como dói...*

Ele fecha os olhos e têm uma visão. Assim como no sonho que tivera no carro, ele se vê bebê sendo segurado por sua mãe, dá risadinhas enquanto ela o balança. Ouve a voz dela, mesmo ela estando com os lábios fechados.

MARÍLIA  
(sem mexer os lábios, só olhando  
amorosamente)  
Como é lindo (...) e alegre...

Ele abre os olhos e imediatamente vomita na planta à sua frente. Respira profundamente, lágrimas caem do seu rosto, tendo dificuldade de manter o corpo de pé.

Logo após o vômito ATILA se levanta, endireitando as costas, se espreguiçando, expandindo os braços; As cores agora estão ainda mais claras, mais etéreas. Ele sorri com os olhos cheios de água. ANTÔNIA se aproxima, com um sorriso ainda maior, e o entrega um papel para ele limpar o rosto, ele agradece com os olhos e ela se retira.

INT./EXT MANHÃ - VISÃO DA FOGUEIRA/OCA/3

ATILA continua admirando as folhas, se aproxima de uma árvore, escuta a voz da sua mãe vindo de

trás dele.

MARÍLIA  
(carinhosa)

Como é forte...

Ele coça a orelha direita e olha para trás, procurando-a. Ninguém está atrás dele.

Olha novamente em direção ao sol, tudo à sua volta fica claro. Tira o casaco e a camiseta e se deita no chão de terra batida ao lado da oca, se espreguiça olhando para cima e sorrindo.

ATILA  
(para si mesmo, prazeroso)

... como é forte...

Ele fecha os olhos.

Repentinamente ATILA começa a serpentear no chão, inquieto, todas as partes do seu corpo se movem rapidamente. Ele abre e fecha os olhos em transe. De dentro da oca, ecoa uma música leve com flautas e tambores, ao poucos vai se acalmando e se entregando ao chão, fica inerte e têm uma visão.

ATILA vê uma quantidade infinita de plantas, folhas fosforescentes se estendendo sob o fundo escuro da noite. Todas se movem, tomadas por uma brisa suave. Ele flutua sobre elas, que dançam em movimentos uniformes, como num fractal sempre crescente.

Ele mergulha no meio desse fractal adentrando as profundezas da terra, vai cada vez mais fundo nesse universo marrom até que repentinamente se encontra numa caverna.

Pura escuridão. Uma forte luz alaranjada ilumina as paredes cheias de raízes e pinturas rupestres. Ele olha para trás, a luz vem de uma grande fogueira acesa; ao lado da fogueira se encontra uma barraca.

Ele entra na tenda. Dentro dela encontra, organizados e dobrados um cobertor vermelho, um casaco, um gorro, travesseiro e luvas. Sente repentino sono, coloca a cabeça sobre o travesseiro, logo começa a ter frio a ponto de sair fumaça de sua boca. Ele se cobre, coloca o casaco, o gorro e as luvas.

ATILA começa a tremer incontrolavelmente de frio. Escuta a voz da senhora cantando as melodias incompreensíveis, os ícaros, como se estivesse do lado de fora da barraca. Treme mais ainda e volta a girar os olhos em transe, ele se encolhe inteiramente para se aquecer.

Uma mão anônima abre o zíper da barraca; com medo, ATILA se esconde ao fundo, arrastando-se rapidamente para trás. Um braço entra na barraca, deixando uma caixa de pedra no chão; retira-se fechando o zíper. Atila olha para os lados desconfiado e estende o braço, levantando a caixa.

Ele abre a caixa, dentro dela um desenho de criança: O boneco verde de ET que ele aparece segurando na foto rasgada de infância. Embaixo do desenho, escrito em letras de garrancho:

Solidão.

Ele olha para o desenho, tencionando a boca de raiva. Ele se deita novamente em posição fetal, puxando o cobertor para cima, segurando o choro.

Uma luz dura e focada como a de uma lanterna vem de fora criando sombras de mãos e bichos nas paredes da barraca, cabeças alienígenas, garras... Ele escuta vozes, línguas estranhas, sons de animais. Silhuetas de mãos e braços passam pelas finas paredes da barraca, empurrando o tecido levemente para dentro.

Atila fecha os olhos e começa a rezar pedindo por ajuda; Ele dá um longo suspiro. Tudo está escuro novamente, ele escuta uma voz falando de uma forma cantada no meio da confusão de sons.

ALÉM

...foi o medo que te cegou...

A confusão de sons vai diminuindo. Um som de brisa tranquila e folhas vai sendo ouvido, cada vez mais próximo; Abre os olhos e verifica que está dentro da oca, sentado no chão, com um cobertor vermelho por cima das pernas, ele suspira aliviado. Percebe a fogueira acesa no centro da oca, a senhora alegremente coloca lenha.

Ele se aproxima do fogo, sentindo o calor com as mãos, aliviado. No canto da sua visão vê o boneco de ET da foto queimando por entre as brasas. Fecha os olhos e tem a mesma visão. Ele começa a pensar descontroladamente, enquanto observa o boneco queimando.

ATILA

(pensando freneticamente)

Que raiva. Raiva do que? Raiva do medo, medo. Medo?  
Que preconceito. Atila, de quem é essa voz? É minha?  
Quem sou eu? O que eu to fazendo aqui, para com isso. Eu nunca devia ter saído de casa.

ATILA abre os olhos e começa a chorar descontroladamente, ele caminha pela oca, todo torto, tenso.

ATILA

(continua...)

Eu não to entendendo nada... (engole seco), que merda.  
(para de andar, colocando a cabeça na parede), qual a mensagem disso tudo, eu to sozinho, todo mundo me largou, vivendo uma vida sem sentido. É...

Ele se agacha ali mesmo e encolhe a cabeça entre as pernas. A senhora se aproxima e acaricia os ombros dele, ele olha, triste e ressentido. Ela oferece a mão para levantá-lo, com um sorriso meigo.

Ela o leva para perto da mesa de altar e pega ali umas essências, umas folhas e faz um benzimento no rapaz. Umas rezas, uns assobios; Ela faz uma defumação em volta do corpo dele e passa uma água de cheiro na cabeça e no pescoço. ATILA, totalmente mole, quase cai no chão mas se recompõe, sorrindo bobo e abrindo os olhos. Ela dá um copo cheio de água para ele.

ANTONIA

(passando a mão na cabeça  
dele)

Bebe esse copo de água e confia. É só confiar que a luz chega.

INT. MANHÃ - OCA/4

ATILA se senta, claramente mais calmo, se estica perto do fogo, sentindo o calor com os pés, aproveitando a oportunidade para respirar profundamente.

Ele olha para um dos lados da oca e percebe SALOMÃO escorado na parede, olhando para o teto boquiaberto e alegre, como quem não acredita no que está acontecendo. SALOMÃO olha para baixo, o olhar dos dois se encontra e sorriem um para o outro.

Uma música festiva indiana começa a tocar na caixa de som e ATILA cria forças para levantar; Ele corre para dar um abraço apertado em SALOMÃO. SALOMÃO, recebendo o abraço forte com muita delicadeza, responde passando a mão carinhosamente na cabeça dele.

ATILA fecha os olhos e começa a ver cores brilhantes, fortes, vibrantes, tons de azul, rosa, verde, amarelo. Ele abre os olhos e sorri para SALOMÃO.

SALOMÃO

Você não tá sozinho não irmão...

EXT. MANHÃ - REENCONTRO NAS ESTRELAS 1

A senhora balança o maracá poderosamente no centro da oca e, imediatamente ATILA escuta uma voz, um canto de mulher, vindo de fora da oca, SALOMÃO se afasta, sério.

Ele sai da oca e a luz do sol ilumina tudo, ele fica cego por um instante e logo percebe uma mão estendida à sua frente. Usando um vestido branco-prateado, ele vê a sua mãe, coberta por um brilho cintilante, multicolorido, à sua volta.

Ele a olha, admirado, e dá-lhe a mão. Imediatamente eles são transportados para outro lugar. Ele se vê com ela no lago celestial cristalino que viu no começo da experiência com o chá. Ele é criança, por volta dos seis anos.

Ela sai correndo na frente dele, rindo e virando de costas, ele corre atrás, numa brincadeira de pique e pega, até que MARÍLIA o segura bem alto.

Ele vê uma luz azul clara e brilhante saindo do meio da sua própria testa e submerge totalmente dentro dela, onde vislumbra uma cidade no céu. Todas as construções parecem de vidro, tudo muito verde; hortas, parques, dentro e fora dos edifícios. Lagos e canais percorrem por todos os lados e pessoas caminham pelas ruas arborizadas. Seres de todos os tipos, conhecidos e desconhecidos caminham por essas ruas.

ATILA caminha numa rua já com sua idade atual; Olha para o lado, a mãe caminha de mãos dadas com ele, extremamente feliz. Eles riem.

MARÍLIA

Ei pituco, você ainda acha que eu morri?

Ele, com os olhos arregalados, faz que não com a cabeça.

INT. MANHÃ - SALA DE MEDITAÇÃO 1

ATILA se vê numa sala completamente branca, móveis e tapetes brancos. Ele está sentado em posição de meditação, um som circular de sino tibetano ecoa pela sala.

ATILA

(pensando)

O que tem dentro de mim, que eu não reconheço?

Ele vê uma luz vermelha escura tomando conta de todo o ambiente.

ATILA

(continua...)

Pai, porque nunca me falou o que aconteceu com a minha mãe. Pai, porque me deixou esquecer de tudo. Pai...

Seus pensamentos correm cada vez mais rápidos, vozes se intercalam na sua cabeça, tudo na sala vai ganhando um tom de vermelho cada vez mais escuro.

ATILA

(continua...)

Eu não tive mãe. Pai. Eu não tive nada, a única coisa que eu sinto é raiva.

ATILA abre os olhos e grita enfurecido, mas seu grito é silenciado por uma visão repentina.

Na sua visão ele vê uma sequência de situações envolvendo mulheres importantes na sua vida.

Ele se vê puxando a saia da sua vó quando ainda criança.

Se vê adolescente, na escola, mexendo no cabelo de uma menina na carteira da frente.

Faz sexo com uma jovem numa festa, ela coloca uma bala de ecstasy na sua boca.

Se vê numa igreja, ainda criança, olhando para uma imagem de nossa senhora.

Acariciando o rosto de uma mulher que sorri para ele.

Ele vê BIA na noite em que sua vó faleceu, eles se beijam...

ATILA volta para a sala, o tom vermelho vai ficando mais escuro, como sangue escorrendo pelas paredes... Ele respira forte, bufando.

ATILA

(continua...)

O que eu estava buscando? Tá tudo errado, tudo errado. Meus pais... Não me falaram da Bia, eles esconderam tudo, tudo de mim.

Ele ouve sons de pessoas chorando, gritando, gemendo de dor. Do meio dessa escuridão, uma luz muito clara, como uma gota desce suavemente do teto da sala, entrando dentro da sua cabeça e iluminando tudo. Tudo fica absolutamente branco, como se ele estivesse flutuando no nada.

EXT. NOITE - PASSADO - COMPREENDENDO A FAMILIA

Vento forte. ATILA vê a mãe segurando BIA ainda muito criança no seu colo. É noite, elas estão em frente à casinha de Alto Paraíso. No fundo, um feixe de luz forte irradia desde cima.

MARÍLIA chora desesperada, abraçando a menina, que a olha confusa. ATILA olha para a mãe percebendo seus olhos fundos, sua magreza, sua aparência enferma.

MARÍLIA

(chorando)

Mamãe precisa voltar pra casa minha filha, um dia você  
vai entender que eu preciso me curar...

JESSÉ sai da casa correndo.

JESSÉ

(suplicando)

Dessa vez não vai, por favor. (chora, fala baixo  
diretamente com ela) Por favor!

Ela olha para ele triste, mas com carinho, lhe entrega a menina e corre em direção à fonte, desaparecendo entre luzes coloridas.

ATILA vê seu pai dentro de casa, olhando para o nada, acendendo o fogo, bebendo pinga do gargalo.

O vê olhando para o céu no amanhecer como quem aguarda algo, uma lágrima cai no seu rosto.

Ele o vê completamente alterado, rasgando as roupas do armário de MARÍLIA, descabelado.

Vê ANTÔNIA encontrando BIA perdida no meio da mata.

A senhora e o pai discutem, enquanto Bia, muito jovem, chora atrás de uma pilastra na casa de ANTÔNIA.

JESSÉ, cabisbaixo, tira Bia, ainda dormindo, do carro e a entregando para uma mulher na frente de um bloco residencial em Brasília.

Ele o vê encontrando um cartaz de grupo de estudos ufológicos num ponto de ônibus. JESSÉ lê uma pilha de livros na sala da casinha de Alto Paraíso.

JESSÉ fala num auditório, para um bom número de interessados.

ATILA vê o pai sentado numa roda de meditadores sob o céu estrelado. JESSÉ sorri.

Ele vê o pai e a mãe, grávida e saudável se abraçando no meio de um campo aberto, ele coloca o ouvido na barriga dela, alegre.

MARÍLIA

(sussurrando) ...Atila...

INT. MANHÃ - SALA DE MEDITAÇÃO 2



ATILA se vê novamente na sala de meditação, agora tudo têm uma cor violeta claro.

Ele se levanta de olhos fechados, passando a mão nas paredes para se localizar na sala. Encontra um espelho, abre o olho para se ver, mas vê o reflexo da mãe no espelho. Ela olha para ele com tristeza.

MARÍLIA

Perdão filho...

EXT. MANHÃ - REENCONTRO NAS ESTRELAS 2

ATILA volta das visões para seu corpo num impulso. Caminha na cidade do céu, exatamente onde estava antes, no entanto agora as ruas estão totalmente vazias.

Sua mãe sorri para ele, ainda segurando a sua mão.

MARÍLIA

(gentil)

Filho... você entendeu?

Ele a olha, sério e faz que sim com a cabeça, ele se vira de frente para ela.

ATILA

(num insight)

Todas aquelas visões, os sonhos... Eu já estava entendendo, só não tinha percebido...

Eles continuam caminhando por uma ruazinha de terra, bem cheia de plantas e hortas e eles encontram uma fonte de azulejos azuis. Sentado na beira da fonte está JESSÉ. Eles se aproximam, os três se abraçam forte. Tudo fica claro novamente, uma luz forte vai tomando conta de tudo. Ele vê uma luz com matizes azuis, rosas e dourados saindo do centro do próprio peito, ele entra nessa luz e lá dentro ele vê seus pais de mãos dadas, no interior do seu corpo.

Ele escuta a voz do pai.

JESSÉ

(V.O)

A gente mora aqui dentro, agora.

INT./EXT. FIM DA MANHÃ - OCA/5

ATILA abre os olhos e percebe que está novamente na oca. Agora as formas estão voltando à normalidade, as cores mais estáveis, as coisas se mexem menos, o fogo está quase apagando.

Ele se levanta, se espreguiçando e sorrindo, cansado.

A senhora alegremente se aproxima e dá um maracá para ATILA e outro para SALOMÃO. Eles se olham e, rindo, começam a dançar em volta da fogueira, dando assovios, e gritos de alegria.

EXT. FIM DA MANHÃ - CASA DA SENHORA

ATILA, escorado numa árvore do lado de fora da oca, bebe um chá de gengibre. Ele olha para cima, o tempo está aberto, sorri.

ANTONIA chega trazendo os cobertores e alguns itens do altar lá de dentro e para na frente do rapaz, deixa tudo no chão, séria.

ANTONIA  
(numa falsa seriedade, o  
observando)  
Você está bem rapaz?

ATILA  
(mole)  
Lógico!! Melhor do que nunca (ri)

Ela desmancha a cara séria e, rindo, dá um beijo na testa dele.

ANTONIA  
(carinhosa)  
É assim mesmo meu querido, é muito fácil esquecer quem  
somos quando a gente não se sente. Agora se cuida, se  
ama, e não esquece de viver, ok?

ATILA ri de olhos fechados balançando a cabeça.

SALOMÃO sai da oca comendo um pedaço de melão e segurando outro, cantarolando.

SALOMÃO  
Atila! Quer melão?

ATILA sorri, pega o melão e alegre dá uma mordida.

ATILA  
(mastigando)  
Um... Salomão, cara. Da onde a gente se conhece mesmo?

SALOMÃO  
(com a boca cheia também)

Olha, seja lá de onde for, o lugar é bom.

SALOMÃO se aproxima e rouba um abraço de ATILA, estalando as costas dele. Ele dá um beijo na bochecha de ATILA, que fica ligeiramente sem graça e vermelho, mas feliz.

Eles se admiram por um curto período.

SALOMÃO  
Cara, olha esse solão... Vamo tomar um banho de cachoeira? A  
Antônia me falou que se passaram só quatro horas, acredita?

ATILA olha pra ele surpreso.

Eles voltam à casa e convidam a senhora.

ANTONIA

Olha, meninos, eu adoraria, mas acho que vou ficar aqui na rede, sabe? Mas podem levar essa caminhonete aí, desde que vocês a tragam de volta sãos e salvos (ri).

Eles riem e se despedem dela com abraços e beijos.

INT./EXT TARDE - TRILHA E CACHOEIRA

Os dois seguem com a caminhonete por Alto Paraíso, ouvindo música brasileira no som. SALOMÃO dirige.

Eles viram numa estradinha que indica a entrada de uma cachoeira.

Param o carro e seguem a trilha. ATILA passa filtro solar.

SALOMÃO imita um macaco pendurando-se em uma árvore, ATILA ri e continua caminhando.

Os dois chegam no topo de um morro, sentam um pouco respirando, exaustos...

Eles chegam à uma linda e grande cachoeira e logo vão procurando um lugar para sentar na prainha em frente à queda. Algumas famílias estão ali, um homem toma sol estirado numa pedra, umas crianças correm na beira da água; um pouco mais longe eles vêem um grupo atrás de um arbusto, de lá ouvem um som de violão, pandeiro e chocalho. ATILA se aproxima, curioso, e surpreso, se vira, chamando SALOMÃO com a mão.

Numa roda, ele vê BIA tocando pandeiro e um homem e uma menina a acompanham em outros instrumentos, ela canta de olhos fechados até que percebe ATILA. BIA larga tudo onde está e sai correndo para abraçá-lo. Ela o enche de beijinhos na bochecha, na testa, na mão, abraça ele e chama o SALOMÃO, abraçando-o também, todos se abraçam.

ATILA

Bia! Cara, como você veio parar aqui?

BIA

(brincando)

Como VOCÊ veio parar aqui é a verdadeira pergunta.

Eles riem.

BIA

Deixa eu apresentar vocês pros meus amigos, (ela se aproxima), gente esse aqui é o Atila, meu irmão.

ATILA a olha extremamente alegre, e cumprimenta os amigos.

(CONTINUA . . .)

...CONTINUANDO:

BIA  
E esse é o Salomão.

UM DOS AMIGOS  
Que nome bonito cara.

SALOMÃO  
(feliz)  
(ri) Valeu!

Eles se sentam, BIA volta a tocar.

BIA se aproxima de ATILA dando-lhe a mão, e aninha-se em seu braço carinhosamente, enquanto canta. Ela termina a música, todos aplaudem.

BIA  
Ei, pitchuco, vamo ali comigo dar um pulo nessa cachu  
maravilhosa.

Os dois seguem correndo e pulam na água. ATILA emerge da água respirando ofegante.

SALOMÃO  
(com os pés na beira da água, entrando aos poucos,  
levemente sarcástico, alto)

Tá frio aí? (sorri)

ATILA só arregala os olhos para ele e entra na água de novo.

ATILA e BIA nadam para perto da queda até que a água fica mais rasa e ela sobe numa pedra. Ela dá

a mão para ajudar ATILA a subir. Eles vão seguindo por cima, se apoiando nas pedras e quando chegam perto da cachoeira, ATILA fecha os olhos e sorri, sentindo a água.

BIA admira o cair da cachoeira.

BIA

Sabe uma coisa que eu aprendi? (Atila a olha, ela continua contemplando a cachoeira) Agora eu entendo que eu também sinto falta dela sabe, da nossa mãe, e com o tempo eu descobri que pra encontrar essa mãe que eu perdi, não tem nada melhor do que isso...

Ela segura a mão de ATILA e o leva junto com ela para baixo da cachoeira, os dois se abraçam, fazendo força para ficarem de pé e sorriem, sendo massageados pela água. Eles continuam abraçados, a água cai refletindo a luz do sol da tarde que se põe.

FIM.

## REFERÊNCIAS

### 6. Bibliografia

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. 1997.

CAMPBELL, Joseph; KUDLER, David. **Pathways to bliss: Mythology and personal transformation**. New World Library, 2004.

ESTÉS, Clarissa Pinkola; BARCELLOS, Waléda. **A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto valha, velha enquanto jovem**. Editora Rocco LTDA, 2007.

JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Editora Vozes Limitada, 2011.

JUNG, Carl G. et al. **O homem e seus símbolos**. Editora Nova Fronteira, 1964.

MCKEE, Robert. **Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiros**. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

### 6.1 Referencial Audiovisual

DA SERPENTE, O abraço. Direção: **Ciro Guerra**. **Colômbia**, 2015.

DA VIDA, Árvore. Direção: **Terrence Malick**. **Imagem Filmes**. **EUA**, 2011.

ESPELHO, O. Direção: **Andrei Tarkovski**. **Moscou, União Soviética**. **Mosfilm**, 1974.

SAGRADA, A montanha. Direção: **Alejandro Jodorowsky**. **México, EUA**, 1975.